



PUC  
RIO

MARIA LÚCIA BARREIRA RIBEIRO

COMPLEXO DE ÉDIPO FEMININO

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

Departamento de Psicologia  
Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro

Rio de Janeiro, dezembro de 1980

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA  
DO RIO DE JANEIRO

Rua Marquês de São Vicente, 225 - Gávea  
CEP 22453-900 Rio de Janeiro RJ Brasil  
<http://www.puc-rio.br>

N.Cham. 150 R484c TESE UC  
Título Complexo de Edipo feminino



Ex.1 PUCB

0104679

BC - PUC

DOAÇÃO

MARIA LÚCIA BARREIRA RIBEIRO

BB 14857-0

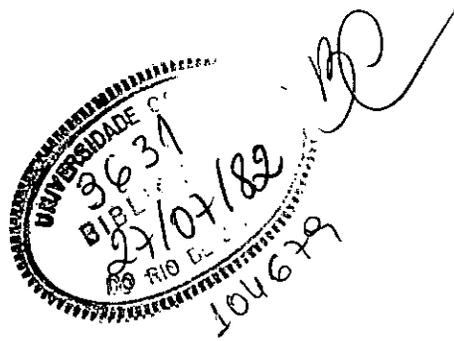
COMPLEXO DE ÉDIPO FEMININO

Dissertação apresentada ao Departamento de Psicologia da PUC/RJ como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Psicologia Clínica.

Orientadora: Regina Landin

Rio de Janeiro, dezembro de 1980

71389



150  
R484 C  
TESI UC  
OSC 1

VDO

Ao meu filho

João

AGRADECIMENTOS

NÃO

À Regina Landim, orientadora e amiga, o meu profundo agradecimento, pois sem ela, esta tese não poderia ter sido feita.

A José Maria Maduro Paes Leme, pelos questionamentos que pude levantar na construção deste trabalho.

Ao Departamento de Psicologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro e à CAPES, pela minha formação profissional.

Aos colaboradores: Ricardo Máximo Gomes Ferraz, Maria Aparecida Vaz Figueiredo e Fátima Pequeno.

Aos amigos, pela escuta carinhosa nas horas difíceis.

## RESUMO

O objetivo deste trabalho é fazer um estudo teórico sobre o Complexo de Édipo feminino. Partindo de Freud, verificamos que suas postulações teóricas sobre o desenvolvimento sexual da mulher não se mostraram tão claras e precisas quanto para o sexo masculino, tendo esse autor deixado em aberto a questão da resolução do Complexo de Édipo feminino. Tendo a finalidade de complementar e elucidar as questões deixadas em aberto por Freud, apresentamos o pensamento de E. Lemoine sobre o Complexo de Édipo feminino. Como discípula de Lacan, verificamos que Lemoine retoma a idéia deste autor, de que a mulher como o homem só resolve o Complexo de Édipo através da assunção da Castração Simbólica. Porém, essa autora faz um estudo específico da sexualidade feminina, introduzindo fenômenos característicos do desenvolvimento sexual da mulher (Partição Imaginária e Simbólica), que são considerados como momentos estruturais imprescindíveis à vivência da Castração Simbólica e portanto, à resolução do Complexo de Édipo pela mulher.

NÃO

## RÉSUMÉ

Le but de ce travail est de faire une étude théorique sur la Complexe d'Oedipe féminin. En prenant Freud comme point de départ, nous avons pu vérifier que ses postulats théoriques sur le développement sexuel de la femme ne sont pas montrés aussi clairs et précis qu'en ce qui concerne le sexe masculin; il a même laissé sans conclusion le problème du Complexe d'Oedipe féminin. Dans le but de compléter et d'élucider les problèmes que Freud n'a pas entièrement résolus, nous présentons la pensée de E. Lemoine sur le Complexe d'Oedipe féminin. Comme disciple de Lacan, nous pouvons vérifier que Lemoine reprend l'une de ses idées, qui est la suivante: l'homme tout comme la femme, ne peut résoudre le Complexe d'Oedipe que grâce à l'assomption de la Castration Symbolique. Cependant, cet auteur fait une étude spécifique de la sexualité féminine en introduisant des phénomènes caractéristiques du développement sexuel de la femme (Partition Imaginaire et Symbolique), phénomènes qui sont considérés comme des moments structuraux fondamentaux en ce qui concerne l'expérience de la Castration Symbolique et la solution du Complexe d'Oedipe par la femme.

## SUMÁRIO

1 - INTRODUÇÃO .....	1
2 - ENFOQUE DE FREUD SOBRE O COMPLEXO DE ÉDIPO .....	4
2.1 - Complexo de Édipo Masculino .....	4
2.2 - Complexo de Édipo Feminino .....	9
2.3 - Declínio do Complexo de Édipo .....	31
3 - ENFOQUE DE LEMOINE SOBRE O COMPLEXO DE ÉDIPO FEMININO .....	4
3.1 - Partição e Castração Imaginárias .....	4
3.2 - Partição e Castração Simbólicas .....	6
4 - CONCLUSÕES .....	8
GLOSSÁRIO .....	11
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....	11
BIBLIOGRAFIA ADICIONAL .....	11

## 1 - INTRODUÇÃO

O objetivo de nosso trabalho é fazer um estudo teórico sobre o Complexo de Édipo feminino.

Faremos, inicialmente, uma revisão da abordagem freudiana em relação ao Complexo de Édipo, por ter sido Sigmund Freud o primeiro autor a produzir uma teoria sobre o assunto.

Verificamos que, embora a noção deste complexo tenha sido trabalhada por Freud gradativamente em vários momentos de sua obra, como por exemplo: em carta escrita à Fliess, de 1897, em sua obra: "Interpretação dos Sonhos" e outros, somente a partir de 1910 o Complexo de Édipo será tematizado pelo autor de forma mais sistemática.

Porém, como a nossa intenção não é fazer um levantamento histórico deste conceito dentro da obra de Freud, nos deteremos nas postulações teóricas do autor incluídas no período de 1905 a 1932, onde encontramos referências específicas sobre o desenvolvimento do Complexo de Édipo masculino e feminino.

Podemos dizer que foi em relação ao sexo masculino que Freud fez suas primeiras abordagens sobre o Complexo de Édipo. Neste caso, encontramos uma teoria acabada, com propostas claras e simples.

Em relação ao Complexo de Édipo feminino, verificamos que as colocações do autor não são tão claras e definidas quanto para o sexo masculino. Pelo contrário, o autor

propõe uma série de hipóteses alternativas a respeito do desenvolvimento deste conflito, mostrando-se sobretudo indeciso quanto ao aspecto de sua resolução.

Freud chega inclusive a declarar sentir-se insatisfeito com suas formulações teóricas sobre o Complexo de Édipo feminino, quando afirma em seu artigo: "O Declínio do Complexo de Édipo":

"Porém, em geral temos que confessar que o nosso conhecimento destes processos evolutivos na menina é insatisfatório e incompleto".  
(Freud, p. 503, 9)

Será a partir do levantamento e da análise das questões deixadas em aberto por Freud sobre o Complexo de Édipo feminino, que tentaremos elucidá-las, na segunda parte do nosso trabalho, segundo a ótica lacaniana, através da apresentação teórica do pensamento de Eugénie Lemoine-Luccioni.

O assunto será exposto seguindo a seguinte seqüência:

A primeira parte do nosso trabalho será dedicada à análise do enfoque de Freud sobre o Complexo de Édipo.

No primeiro capítulo trataremos do Complexo de Édipo masculino, por ter sido sobre o modelo do menino que se construíram as primeiras elaborações teóricas de Freud sobre o Complexo de Édipo, tendo o autor admitido, por algum tempo, que o processo na menina se desenvolveria de forma análoga.

No segundo capítulo analisaremos os problemas específicos da teoria de Freud sobre o desenvolvimento do Complexo

de Édipo feminino.

No terceiro capítulo abordaremos o aspecto da dissolução do Complexo de Édipo para ambos os sexos, analisando-o em relação ao complexo de castração.

A segunda parte do nosso trabalho visa apresentar o enfoque de Eugenie Lemoine sobre o Complexo de Édipo feminino.

No primeiro capítulo, tentaremos, a partir da explicitação dos conceitos de Partição e Castração Imaginárias, aprofundar as questões deixadas em aberto por Freud sobre o desenvolvimento do Complexo de Édipo no sexo feminino. Gostaríamos de enfatizar que a autora introduz o conceito de Partição Imaginária, como um fenômeno característico da sexualidade feminina.

O segundo capítulo será dedicado à apresentação da Partição e da Castração Simbólicas. Mostraremos como a passagem da Partição e da Castração Imaginárias à Partição e Castração Simbólicas, funcionaria, segundo Lemoine, como a forma de resolução do Complexo de Édipo na mulher.

Concluiremos, tentando fazer uma breve comparação entre o pensamento de Freud e de Lemoine sobre o Complexo de Édipo feminino, mostrando que questões foram respondidas por esses autores e quais ainda continuarão em aberto, por não terem sido especialmente aprofundadas e estudadas por eles \* .

---

(\*) É preciso notar que quando expusermos a teoria freudiana, teremos que fazê-lo não somente em sua abordagem do Complexo de Édipo feminino, mas também do Complexo de Édipo masculino. Isso porque, muitas vezes Freud afirma que os processos na menina se desenvolveriam de forma análoga ao sexo masculino, não se preocupando em expor especificamente o que se daria no sexo feminino. Entretanto, quando abordarmos a teoria de E. Lemoine, nos limitaremos à exposição do Complexo de Édipo na mulher, embora seja possível fazermos uma descrição do Complexo de Édipo no sexo masculino, a partir de suas afirmações. No entanto, isso fugiria aos nossos objetivos nessa tese.

## 2 - ENFOQUE DE FREUD SOBRE O COMPLEXO DE ÉDIPO

### 2.1 - Complexo de Édipo Masculino

A necessidade de fazermos um breve esquema sobre o Complexo de Édipo masculino ocorre, principalmente, por Freud ter centrado suas primeiras investigações sobre a sexualidade infantil no sexo masculino, supondo muitas vezes que, na menina, o processo seria análogo; isto é, como se procurasse colocar a sexualidade masculina como um modelo para a sexualidade feminina.

Veremos, neste sentido, como Freud articulará e relacionará o problema da fase fálica, o Complexo de Castração e o Complexo de Édipo, e para tal, tomaremos sua obra especificamente a partir de 1921. Abordaremos o Complexo de Édipo masculino de forma evolutiva, isto é, tentando acompanhar o desenvolvimento do pensamento do autor nos textos que serão citados no decorrer deste capítulo.

Paralelamente, faremos uma distinção entre a fase anterior ao Complexo de Édipo e a do próprio complexo. Esta nos parece ser uma forma didática de esquematizar o assunto, embora achemos necessário acrescentar que, a nosso ver, não se possa fazer uma separação rígida entre essas fases, a não ser esquematicamente, uma vez que elas fazem parte de um processo de desenvolvimento da sexualidade humana.

Fase primitiva do desenvolvimento psicosexual no menino:

Nesta fase do desenvolvimento sexual ocorre uma liga

ção primária do menino à mãe. As pulsões sexuais e as primeiras satisfações sexuais autoeróticas da criança são vividas em relação às funções vitais destinadas a auto-conservação. A mãe, inicialmente, se coloca como mulher nutridora e protetora. E também como seu primeiro objeto sexual, na medida em que, progressivamente, ocorra uma diferenciação do ego na criança e ela possa assumir tal relação. Quanto à figura do pai, pode-se dizer que o menino a toma como objeto de identificação. Manifesta um especial interesse pelo pai, quer ser como ele, e faz de seu pai o seu ideal.

Porém, segundo Freud, no decorrer do desenvolvimento infantil, esses dois laços (identificação com o pai e o investimento libidinal pela mãe), que inicialmente coexistiam pacificamente no interior da vida psíquica do menino, se transformarão em pontos choques e conflitos. Desta forma surge o Complexo de Édipo.

Entrada no Complexo de Édipo:

Com o início do Complexo de Édipo, a ambivalência do menino em relação ao pai tomará a forma de rivalidade, uma vez que o pai é percebido como um impedimento em sua relação com a mãe.

E como diz Freud:

"... sua identificação com o pai assume por causa disto, um caráter hostil, terminando por fundir-se no desejo de substituí-lo junto à mãe. A identificação é, no entanto, ambivalente desde o início e pode concretizar-se numa manifestação de carinho como no desejo de supressão". (Freud, p. 1145, 6)

Nesta fase do desenvolvimento sexual ocorre um interesse concentrado do menino por seus órgãos genitais, que é acompanhado de atividades masturbatórias.

Ocorre uma intensificação das relações libidinais do menino em relação à mãe e é suposto que a masturbação esteja vinculada ao Complexo de Édipo, equivalendo à descarga de suas excitações sexuais.

Esta fase de entrada no Complexo de Édipo estaria ligada ao estágio fálico que é então caracterizado por Freud.

No seu artigo, "Organização Genital da Libido", de 1923, o autor faz reformulações em suas postulações anteriores quanto à sexualidade infantil, confirmando a idéia de que na infância, ocorra uma escolha objetal. Diz que a diferença da sexualidade infantil para a sexualidade do adulto, reduz-se ao fato de que na criança, ainda não existe a síntese das pulsões parciais, nem sua completa submissão à zona genital. Assim sendo, Freud reconhece a existência de uma organização genital infantil, a qual dará o nome de organização fálica, cuja principal diferença em relação à organização genital do adolescente e do adulto reside no fato de que o único órgão conhecido nos dois sexos é o masculino, constituindo a zona erógena principal. Paralelamente acrescenta que nesta fase existiria uma primazia do falo ao dizer:

"Este caráter diferencial consiste em que a criança só admite um órgão genital, o masculino, para ambos os sexos. Não existe, pois, uma primazia do genital, mas uma primazia do falo".

Mais adiante complementa:

"No estágio seguinte ao da organização genital infantil há um masculino, mas não um feminino; a antítese é aqui: genital masculino ou castrado". (Freud, p. 1195 e 1197, 7)

Segundo Freud, nesta fase do desenvolvimento do Complexo de Édipo e da primazia fálica, o menino pensará que to dos os demais seres possuem órgãos genitais iguais aos seus. Ao descobrir que o pênis não é um atributo comum a todas as pessoas (por exemplo: ao ver os genitais de sua irmãzinha) , a primeira reação do menino será a de tentar negar tal diferença. O autor relata:

Os meninos, "... negam tal falta e crêem ver o membro, encobrindo a contradição entre a observação e o preconceito, achando que o órgão é ainda muito pequeno e crescerá quando a menina for crescendo. Pouco a pouco, chegam a conclusão que a menina inicialmente possuía um membro viril igual ao seu, do qual foi logo despojada. A falta do pênis é interpretada como resultado de uma castração, surgindo então no menino o medo da possibilidade de uma mutilação análoga". (Freud, p. 1196, 7)

A partir dessas colocações, verificamos que algumas hipóteses são levantadas pelo autor em relação ao pensamento do menino sobre a ausência do pênis na menina:

- Em primeiro lugar, o menino nega a falta do pênis na menina, imaginando que o órgão é muito pequeno e que este crescerá depois.

- Numa segunda fase o menino se sentirá culpado de seus desejos sexuais dirigidos à mãe e provavelmente ligados à masturbação. Pensará, então, que só as mulheres, culpadas como ele de tais desejos e de tais atos ilícitos seriam des-

pojadas do pênis como consequência de uma castração punitiva.

- Em terceiro lugar, com a descoberta da capacidade das mulheres gerarem filhos, o menino deixará de atribuir-lhes um membro viril, passando a construir novas e complicadas teorias que visam explicar a troca do pênis pela criança gerada.

A partir desta caracterização feita por Freud sobre a primazia do estágio fálico em relação ao Complexo de Édipo masculino, encontramos dificuldades em determinar qual o sentido dado por ele à descoberta da ausência do pênis na menina, e o Complexo de Castração no menino. Isto é, verifica-se que a visão da ausência do pênis na menina seria interpretada pelo menino como uma forma de castração. O que significa isso? Que realmente a mulher seria vista como um ser castrado (por não ter pênis) pelo menino?

Assim sendo, nos parece que a oscilação entre os termos pênis - falo em sua teoria, ao falar da primazia do falo ao mesmo tempo em que só admite a existência do órgão genital masculino, traz ambigüidades e dificuldades conceituais, constituindo-se em um paradoxo, o que dificulta uma delimitação mais clara da dimensão simbólica, e nesse sentido do caráter simbólico da castração.

Tal visão da mulher como um ser castrado e do Complexo de Castração propriamente dito são colocações relevantes uma vez que vão influir no enfoque do autor sobre a sexualidade feminina, onde surgirão problemas de difícil esclarecimento.

Quais seriam as conseqüências para o menino de tal visão?

Para o menino, o Complexo de Castração constituirá o fator primordial do declínio do Complexo de Édipo. Como vimos, a partir da descoberta do genital feminino onde a falta do pênis é interpretada como sinal de uma castração, o menino se sentiria ameaçado de que semelhante castração pudesse ocorrer com ele mesmo, como um castigo aos desejos incestuosos dirigidos à mãe. Surgiria um conflito entre o investimento libidinal e um interesse narcisista pelo pênis. E, nos casos bem sucedidos, o interesse narcisista venceria, propiciando o desligamento do complexo.

Como verificamos, no menino há um motivo bem determinado que o impulsiona à abolição do conflito. Porém deixaremos o problema da dissolução do Complexo de Édipo para ser discutido em outro capítulo, onde poderemos descrevê-lo de forma mais abrangente, comparativamente ao declínio do Complexo de Édipo, no caso da menina.

## 2.2 - Complexo de Édipo Feminino

Verificamos que as primeiras abordagens de Freud sobre o Complexo de Édipo encontram-se centradas no sexo masculino. E, ao analisarmos a evolução do pensamento do autor, temos a impressão que, em dado momento de sua obra, ele simplesmente estendeu os seus conhecimentos sobre a sexualidade infantil e o Complexo de Édipo masculino ao Complexo de Édipo feminino, por então pensar que, na menina, o processo seria análogo.

No entanto, tais fatores o levam a questionamentos e reformulações posteriores e, a partir de 1925 no seu artigo: "Algumas Conseqüências Psíquicas da Diferença Anatômica entre os Sexos", Freud faz distinções nítidas entre ambos e começa a caracterizar aspectos específicos da sexualidade feminina.

Em suas investigações sobre a mulher, o autor mostra estar tentando delinear o desenvolvimento psicosssexual especificamente feminino, descrevendo-o em seus momentos essenciais.

No entanto, nesta tentativa de escrever uma teoria sobre o Complexo de Édipo feminino, o autor levanta questões que não consegue resolver, traça linhas e diretrizes sobre a sexualidade feminina, mas verifica-se que estas linhas não tomam um rumo de abrangência cada vez maior em sua obra. Ao contrário, levanta hipóteses que são imprecisas, ambíguas ou, muitas vezes, contraditórias, sem definir-se por uma delas como resposta aos problemas postulados.

Tais foram as indefinições na obra do autor que nos estimularam a fazer este trabalho na tentativa de aprofundar o conhecimento sobre o Complexo de Édipo na mulher. E nos questionamos:

- O que estará faltando no conjunto de suas postulações para que se tornem mais precisas e nos levem a uma resposta mais específica sobre a sexualidade feminina?

- Quais seriam os passos e movimentos importantes para tal?

Este será o nosso objetivo neste momento do trabalho: o de tentar caracterizar e rever o pensamento do autor sobre o Complexo de Édipo feminino.

Focalizaremos a fase primitiva do desenvolvimento psicosssexual na menina, segundo Freud:

Retomaremos a fase anterior ao Complexo de Édipo feminino, por esta ser caracterizada por Freud como essencial ao desenvolvimento sexual da menina. Nesta fase, a menina se encontra intimamente ligada à mãe, numa relação primária, onde a mãe, além de ser colocada como o seu primeiro objeto de amor (objeto sexual), também é tomada como o seu objeto de identificação. O pai então seria visto como rival.

Nesta fase do desenvolvimento, as primeiras satisfações sexuais da menina são de natureza auto-erótica e relacionadas à pulsão de auto-conservação. A mãe, desta forma, é vista como mulher nutridora e protetora.

O que a menina estará procurando em sua mãe?

Verificamos que essa relação primitiva da menina com a mãe não é estática mas vai progressivamente assumindo as características das fases percorridas por ela em seu desenvolvimento sexual.

Freud coloca:

"Os fins sexuais da menina em relação à mãe são de natureza tanto passiva como ativa e se acham determinados pelas fases libidinais pelas quais a criança passa em sua evolução".  
(Freud, p. 527, 11)

"Nos perguntamos agora quais são as relações libidinosas da menina com a mãe, e achamos que são muito variadas... se manifestam por desejos orais, sádico-anais e fâlicos. Estes desejos representam impulsos tanto ativos como passivos; se os relacionarmos à diferenciação dos sexos que vai surgir depois, — embora devamos evitar fazê-lo até onde for possível —, podemos qualificá-los de masculinos e femininos. São ainda ambivalentes; isto é tanto de natureza carinhosa, como hostil e agressiva". (Freud, p. 935, 12)

Segundo o autor, com o desenvolvimento da sexualidade infantil ocorre paralelamente a descoberta dos órgãos genitais (pênis e clitóris) pela menina. E, inicialmente, as primeiras manipulações dos genitais não parecem estar relacionadas a conteúdos psíquicos, não ocorrendo ainda a vinculação da masturbação com as catexes objetais do Complexo de Édipo.

Porém, com a entrada na fase fâlica e a descoberta dos genitais, ocorrerão mudanças e o autor complementa:

"Ao considerar os impulsos passivos da fase fâlica, destaca-se o fato de que a menina sempre acuse a mãe de ser sedutora, por haver percebido necessariamente suas primeiras, ou de qualquer modo, suas mais fortes sensações genitais, ao ter sido submetida a limpeza ou à cuidados corporais pela mãe ou por amas secas que a representavam... Creio que o fato da mãe ser a que inevitavelmente inicia a menina na fase fâlica, constitui o motivo para que, nas fantasias posteriores, o pai apareça tão regularmente como sedutor sexual".

"Finalmente, na fase fâlica, aparecem também poderosos desejos ativos dirigidos à mãe. A atividade sexual deste período culmina na masturbação clitoriana; esta é provavelmente acompanhada de fantasias em relação à mãe; porém, através de minha experiência, não consegui deduzir, se realmente a criança imagina um fim sexual determinado, nem qual pode-

ria ser este fim. Somente quando todos os seus interesses tenham experimentado um novo impulso pela chegada de um irmãozinho ou de uma irmãzinha menor, podemos reconhecer claramente tal fim. A menina, assim como o menino, deseja crer que ela fez na mãe este novo bebê, e sua reação diante deste fato, como sua conduta em relação ao recém-nascido, são iguais as do menino". (Freud, p. 529, 11)

A descoberta dos órgãos genitais (pênis e clitóris) também trarão outras conseqüências para a menina, peculiares da fase fálica.

Vejamos como poderemos caracterizar a fase fálica para o sexo feminino:

Segundo Freud, com a descoberta do órgão genital masculino, a menina reconheceria a ausência do mesmo em seu próprio corpo. E, desta forma, seria desencadeado o Complexo de Castração. Isto é, julgaria que o órgão sexual masculino é análogo ao clitóris, sentindo o seu órgão pequeno. Como conseqüência de tal sentimento, seria desenvolvida a "inveja do pênis" na menina, característica da fase fálica.

Verificamos que a caracterização da fase fálica vai sendo gradativamente inserida nos escritos de Freud, estando referenciada ao Complexo de Castração e a inveja do pênis, embora ela só vá ser introduzida de forma explícita a partir de 1923.

Vejamos algumas citações iniciais do autor (1905), onde encontramos algumas referências a essa fase:

"A hipótese de que ambos os sexos possuem o mesmo aparelho genital (o masculino) é a primeira destas teorias sexuais infantis, tão

singulares e que tão graves conseqüências podem acarretar. Pouco adianta ao menino que a ciência biológica justifique seus preconceitos e reconheça o clitóris feminino como um equivalente do pênis. A menina não constrói uma teoria parecida ao ver os órgãos genitais do menino diferentes dos seus. O que faz é sucumbir à inveja do pênis, que clumina no desejo, muito importante por suas conseqüências, de ser um menino". (Freud, p.800, 3)

O que concluimos destas citações?

Verificamos que Freud está mostrando que apesar das evidências físicas e biológicas e das possíveis explicações para a diferença sexual entre o menino e a menina, ambos vão vivenciar a ausência ou a presença do pênis em seu corpo de forma peculiar e específica. O autor introduz assim um aspecto psicológico do problema, ao fazer uma distinção entre o campo psíquico e o biológico.

Porém, nesta abordagem sobre a forma como é interpretada a ausência de pênis no sexo feminino, verificamos ocorrer uma determinação do campo psíquico pelo campo biológico, uma vez que o termo falo é utilizado na maioria das vezes como sinônimo de pênis e, desta forma, não encontramos uma distinção específica entre o termo pênis (como órgão genital masculino) e falo (como símbolo). Essa diferença será bem estabelecida na teoria lacaniana como veremos posteriormente.

E conseqüentemente, em sua hipótese de que ambos os sexos possuem o mesmo aparelho genital (o masculino), isso é: de um "monismo sexual" e na sua utilização do termo inveja do pênis, Freud parece reduzir o campo de suas explicações ao biológico, o que colocará o autor sujeito a críticas

e sujeito à interpretação de estar sendo tendencioso em enfatizar o aspecto masculino da sexualidade em detrimento do feminino.

Essa ambigüidade do pensamento de Freud será um fator constante na sua obra, se constituindo no ponto central de nossos questionamentos. Por isso será retomada progressivamente em nossos estudos de forma mais detalhada.

Verificamos que o termo falo é raramente utilizado por Freud em seus escritos. Embora o autor vá inserindo a noção deste termo progressivamente em sua obra, só a partir de 1923, com a introdução da fase fálica, encontraremos uma referência mais explícita a este conceito.

Citaremos um trecho do autor referente à sua obra "Organização Genital da Libido", de 1923, onde poderemos constatar a introdução da fase fálica:

"... o sujeito infantil só admite um órgão genital, o masculino, para ambos os sexos. Não existe, pois, uma primazia do genital e sim uma primazia do falo". (Freud, p. 1195, 7)

Porém, podemos constatar que mesmo com a introdução da fase fálica, os termos pênis e falo não aparecem utilizados de forma distinta. O autor propõe que esta seja a fase da primazia do falo, quando ao mesmo tempo diz que só o órgão genital masculino é levado em conta. A alternativa que se depara o sujeito nesta fase reside entre órgão genital masculino (fálico) x castrado.

Verificamos que a utilização dos termos (pênis x fa-

lo) de forma irregular e inconstante pelo autor contribui as sim para ambigüidades interpretativas e oscilações do campo biológico ao simbólico.

Vejamos outras citações posteriores (1923) do autor que caracterizam a fase fálica para a menina:

"Temos que reconhecer que a mulherzinha é um homenzinho. Esta fase se caracteriza no menino, como sabemos, pelo fato de já saber ex trair de seu pequeno pênis, sensações prazei rosas e relacionam seu estado de excitação às suas idéias de relação sexual. As meninas fazem o mesmo com o seu clitóris diminuto. Parece que em todas elas todos os atos onanistas tem por sede tal equivalente do pê nis... Podemos pois manter a opinião que na fase fálica da menina é o clitóris a zona erógena diretriz". (Freud, p. 934, 12)

O que deduzimos do que Freud nos relata?

Poderemos afirmar ter o autor a intenção de dar um caráter predominantemente masculino à fase fálica feminina?

Com o termo "inveja do pênis" o autor estaria querendo dizer que a menina, neste momento, desejaria ter um pênis e ser, de fato, um homenzinho?

E, nesse sentido, como poderíamos situar o enfoque do falo?

Essa diferença entre pênis e falo, será bem estabelecida na teoria lacaniana como veremos posteriormente, através da abordagem de Lemoine.

Citaremos algumas conseqüências da descoberta da diferença anatômica entre os sexos para a menina, por estarem referenciadas a fase fálica feminina. Freud relata:

"O fato da menina reconhecer sua falta de pênis, não quer dizer que vá aceitá-la de bom grado. Pelo contrário, por muito tempo mantém o desejo de ter uma coisa semelhante..." (Freud, 937, 938, 12)

Ou ainda:

"Sente-se numa situação de inferioridade e manifesta com grande freqüência, que também ela queria ter uma coisa assim e sucumbe à inveja do pênis, que deixará marcas, sinais perduráveis em sua evolução, na formação de seu caráter, e, nem sequer nos casos mais favoráveis, será superada sem grande esforço psíquico". (Freud, p. 937 e 938, 12)

Em "Algumas Conseqüências da Diferença Anatômica entre os Sexos" (1925), Freud coloca que deverá aceitar a sua castração, pois a recusa disto poderia levá-la a portar-se como um homem. Logo em seguida o autor acrescenta:

"As conseqüências psíquicas da inveja fálica, na medida em que esta não chegue a ser absorvida pela formação reativa do complexo de masculinidade, são muito diversas e transcendentais. Uma vez que a mulher aceitou sua ferida narcísica, desenvolve-se nela, como uma cicatriz, um sentimento de inferioridade". (Freud, p. 487, 10)

A partir destas colocações, achamos que Freud parece remeter à mulher a uma tarefa muito difícil de ser superada, quando fala das marcas que lhe serão deixadas, isto é, dos sinais perduráveis em sua evolução, como conseqüências da descoberta da ausência do órgão genital masculino em seu próprio corpo. Como vimos, ela sentir-se-ia inferiorizada e desvalorizada por isto, "sucumbindo" à inveja do pênis.

Perguntamo-nos:

- Como a menina chegaria a superar esses sentimentos?

Para o autor, superá-los parece ser uma tarefa muito difícil. Em primeiro lugar, a menina reagiria à própria castração através do desejo de ter um pênis também. Porém, seria necessário que ela aceitasse a própria castração para que pudesse percorrer os caminhos em direção à sua feminilidade.

Paralelamente o autor coloca que, na medida em que a mulher aceitasse a sua ferida narcísica, também seria desenvolvido nela, como uma cicatriz, um sentimento de inferioridade.

O que podemos concluir?

- Será que tais colocações do autor sobre o Complexo de Castração feminino são coerentes?

- Como poderá a menina aceitar a ausência do pênis em seu próprio corpo, se ao mesmo tempo sente-se inferiorizada por isso? Ou poderíamos encarar o sentimento de inferioridade como uma característica feminina?

Como poderemos definir a sexualidade feminina nesta fase? Em outras palavras, como a menina vai encarar a ausência de pênis em seu corpo? Pensará ser um menino sem pênis ou uma menina com genitais diferentes do menino?

Vejamos o que o autor nos diz a esse respeito.

Em "Três Ensaios sobre a Teoria da Sexualidade" coloca:

"... a investigação sexual infantil desconhece sempre dois elementos: o papel fertilizante

te do esperma e a existência do orifício vaginal..." (Freud, p. 800, 3)

Em "Organização Genital da Libido" relata:

"No estágio seguinte ao da Organização Genital Infantil existe um masculino, mas não um feminino; a antítese é genital masculino ou castrado. Somente com o término da evolução na puberdade chega a coincidir a polaridade sexual com o masculino e o feminino. O masculino compreende ao sujeito, atividade e posse do pênis. O feminino integra o objeto e a passividade. A vagina é reconhecida, então, como albergue do pênis e vem herdar o seio materno". (Freud, p. 1197, 7)

E ainda:

"Para compreender a evolução que converte a menina em mulher deve-se seguir o caminho recorrido pela excitabilidade do clitóris. A puberdade que produz no menino uma grande elevação da libido, como já tratamos, se caracteriza na menina por uma nova onda de repressão\* que recai precisamente sobre a sexualidade do clitóris. O que sucumbe a repressão é uma característica da vida sexual masculina ... O clitóris conserva o papel de quando é excitado, tendo por fim o ato sexual permitido, transmitir essa excitação aos órgãos femininos vizinhos ..."

"Quando se estabelece a transferência da excitabilidade erógena do clitóris para a entrada da vagina, significa que a mulher trocou a zona erógena diretiva para as finalidades da sua posterior atividade sexual, ainda que o homem conserve a sua, sem troca alguma desde a infância". (Freud, p. 812, 3)

---

(\*) Embora encontremos o termo Verdrängung traduzido por repressão em espanhol e repressão em português, optaremos pela utilização do termo recalçamento (refoulement) conforme é adotado na abordagem e nas traduções francesas das Obras de Freud. Maiores informações sobre esses termos serão encontradas no glossário.

Verificamos que Freud situa a adolescência como uma fase importante no desenvolvimento psicosssexual da menina, através da qual ela passará a ser mulher, com a descoberta da vagina, recalçando assim uma característica da vida sexual masculina, a sexualidade do clitóris que será então transmitida à vagina. Este órgão só será descoberto na adolescência e no momento da penetração pelo pênis.

Vemos, por outro lado, que o autor enfatiza através da fase fálica, a primazia do falo, mas ao mesmo tempo diz que só o órgão genital masculino é conhecido e levado em conta. A oposição seria: órgão genital masculino (fálico) x castrado.

Justamente a partir de tais colocações do autor é que nos surgem novas questões quanto a feminilidade. Isso é: até esse momento (da descoberta da vagina) como a menina seria encarada quanto a sua sexualidade? Como exprimir a noção de um feminino se a vagina é, até então, desconhecida e o autor diz que, na fase fálica, o único órgão genital conhecido é o masculino? A menina se colocará como nada? Como não possuidora de um pênis? Como castrada?

Desde 1905, em "Três Ensaios sobre a Teoria da Sexualidade", Freud mostra suas preocupações quanto a primazia fálica ao dizer:

"É sabido que até a puberdade não aparece uma diferenciação definida entre o caráter masculino e o feminino.... Assim mesmo, a representação nas meninas é muito maior e quando surgem nelas instintos parciais da sexualidade, escolhem com preferência a forma passiva".

Mais adiante o autor coloca:

"Com referência as manifestações sexuais auto-eróticas e masturbações pode-se dizer que a sexualidade nas meninas tem um absoluto caráter masculino, e se for possível atribuir um conteúdo mais preciso aos conceitos "masculino" e "feminino", poderia-se também colocar a afirmação de que a libido é regularmente de natureza masculina, apareça no homem ou na mulher e independentemente de seu objeto, seja este homem ou mulher". (Freud, p. 811, 3)

Em seu artigo "Feminilidade", Freud coloca que a libido na mulher é objeto de maior e mais freqüente coerção do que no homem. Cita como exemplos desta característica a frigidez feminina onde ocorreria, de fato, uma retração da libido. O autor coloca também o narcisismo como uma característica feminina muito comum, que influirá na forma como a mulher elegerá o seu objeto sexual. A mulher narcísica teria mais necessidade de ser amada do que amar, ser admirada do que admirar. Freud relaciona tais necessidades femininas, como uma compensação da mulher frente ao sentimento original de inferioridade sexual (pela falta de pênis).

Verificamos que, embora o autor admita que a mulher esteja sujeita a influências educacionais e culturais, ele sempre coloca a mulher como mais recalcada e passiva do que o homem.

Fazendo uma breve síntese, podemos constatar a seguinte relação:

Sexo Masculino

Libido Masculina — sujeito — atividade — posse do pênis

Sexo Feminino

Maior recalçamento da libido — objeto — passividade — castrado.

O que concluimos?

Na fase fâlica, o autor admite a primazia do falo, mas ao mesmo tempo diz ser o órgão masculino o único conhecido.

Em relação ao problema da passividade e da atividade podemos dizer que: por um lado o autor se mostra preocupado com a primazia fâlica, por outro, verificamos relacionar a atividade, a posse do pênis e a masculinidade. E em relação a feminilidade: a passividade, recalçamento da libido, sendo a mulher vista como castrada. A oposição existente é: órgão genital masculino (fálico) x castrado.

Embora, não tenhamos a intenção de negar os aspectos passivos da sexualidade feminina, ou como diz Freud, os fins passivos da libido, nos questionamentos quanto aos seguintes aspectos:

- Tais postulações poderiam ser encaradas como um dado clínico?

- Poderiam ser encaradas como um paradigma do comportamento feminino? Isto é: a mulher seria vista como o sím-

bolo do recalque e da passividade? Ou a passividade, assim como o narcisismo poderiam ser considerados como etapas dentro do seu desenvolvimento psicosssexual?

Em relação a caracterização do papel da mulher quanto a sua sexualidade, nos questionamos:

- A mulher seria vista como castrada até a descoberta da vagina?

- O narcisismo feminino deveria ser encarado como uma forma de esconder e compensar a ferida narcísica aberta na mulher? Como ela superaria tal sentimento?

- Como a mulher chegaria pelo processo de identificação a assumir a forma madura de sua sexualidade e descobrir os seus desejos?

Veremos, ainda, outros aspectos sobre a fase fálica pela importância que esta detém no processo de desenvolvimento sexual da menina, fase na qual se instalará o Complexo de Édipo.

Quais são as conseqüências da inveja do pênis na menina, citadas pelo autor?

Freud coloca quatro possibilidades:

1<sup>a</sup>) Abre-se na menina uma ferida narcísica pela ausência do pênis o que dá origem a um sentimento de inferioridade.

2<sup>a</sup>) A inveja do pênis pode permanecer, deslocando-se dentro de um traço de caráter que é o ciúme.

3ª) A falta de pênis é um fator considerado como propiciador do desligamento da menina em relação à mãe, quando esta é vista como responsável por tal ausência pela menina.

4ª) Esta consequência é considerada por Freud como a mais importante; ela se traduz no sentimento de humilhação narcísica que a menina desenvolve face à inveja do pênis, sendo a causa do abandono da masturbação do clitóris. A partir de então, a menina não poderá mais concorrer com os meninos. Ela se desligará das atividades masculinas, da masturbação do clitóris e uma certa quantidade de atividade será abandonada em favor das pulsões de objetivos passivos, ocorrendo a troca de objeto sexual que passará a ser o pai.

Pode-se observar que, no sexo masculino, o Complexo de Castração é o que propiciará a dissolução do Complexo de Édipo. Enquanto, no sexo feminino, de maneira oposta, o Complexo de Castração levará a menina ao Complexo de Édipo.

Quais são as possibilidades da reação da menina frente ao Complexo de Castração?

Para Freud, a reação da menina frente ao Complexo de Castração acarreta consequências muito importantes, pois se abrirão para ela três caminhos a seguir no seu desenvolvimento.

Na medida em que ela reconhece a própria castração, a superioridade do sexo masculino e sua própria inferioridade, mas não a aceita e protesta, pode ocorrer:

- Inibição da sexualidade na neurose:

Isto ocorreria no caso de a menina se sentir invejosa do pênis e mostrar-se insatisfeita com o seu clitóris, perdendo

assim o interesse pela atividade fâlica. A masturbação do clitoris seria abandonada por sentir-se ferida em seu amor próprio. Ela poderia renunciar, por isso, a atividade sexual em geral.

- Acentuação da própria masculinidade:

Isto poderia ocorrer pela negação da castração, e a menina desenvolveria a fantasia de que um dia ela teria um pênis, por uma identificação à mãe fâlica ou ao pai. Assim ela evitaria o incremento da passividade e o complexo de masculinidade poderia ser o influxo na eleição de um objeto no sentido da homossexualidade manifesta.

Pela aceitação da castração, o autor propõe uma terceira possibilidade:

- Atitude feminina normal:

A menina se desligaria da mãe, tomando o pai como objeto, alcançando assim a forma positiva do Complexo de Édipo.

Como a menina chegará ao Édipo Positivo? Em primeiro lugar, o que determinará o desligamento da menina em relação a figura materna?

Vejam algumas hipóteses que são levantadas pelo autor:

- A menina, em sua relação de amor com a mãe, pode exigir exclusividade. Conseqüentemente, surgem sentimentos de ciúmes em relação a outras pessoas (irmãos, pai), que são vistos como rivais. Ocorrendo uma certa insatisfação nesta relação, a libido tenderá, pelo processo evolutivo, a abandonar esta posição insatisfatória em busca de uma outra nova, o que favorecerá então o seu desligamento da mãe.

- Sentimentos de falta de amor e carinho podem ser desencadeados na menina, pela sua percepção de que a mãe a tenha amamentado pouco, o que propiciará o seu afastamento da mesma.

- A proibição da masturbação pode ser fonte de hostilidade da menina em relação a mãe. Nesta fase do desenvolvimento, a atividade masturbatória se encontra vinculada a mãe, e os cuidados maternos (como por exemplo higiene corporal) podem ser, muitas vezes, vividos como "sedução" pela menina. Então ela se rebelará contra a mãe, por achar que esta, inicialmente, estimulou sua atividade sexual para depois proibi-la, através da proibição da masturbação.

- A reação da menina diante do Complexo de Castração também poderá levá-la ao desligamento da mãe. Isto é: a primeira reação da menina diante da castração é de não aceitá-la. Inicialmente ela pensa que isso é um infortúnio pessoal. Porém, progressivamente, ela passará a achar esta característica negativa de seu sexo, como uma característica universal e desvalorizará com isto, toda a feminilidade e também a mãe, por não possuir um pênis. Vai reprová-la por não ter lhe dado um órgão genital completo, sendo este o principal motivo da separação da menina de sua mãe e da procura do pai.

O autor ainda diz que o desligamento da menina em relação à mãe se desenvolve na hostilidade. O aspecto hostil da sua relação ambivalente com a mãe, será reforçado por todos estes fatores mencionados acima e principalmente pela descoberta da ausência do pênis na mesma.

O autor reforça a idéia de ser o Complexo de Castração o fator decisivo para a ruptura desta relação, na medida em que a mãe é vista pela menina como a responsável pela ausência de pênis em seu corpo e não a perdoará por tal desvantagem.

Conseqüentemente o Complexo de Castração é colocado como o fator decisivo do desligamento da mãe, o que propiciará a entrada da menina na fase positiva do Complexo de Édipo (na procura do pai).

Desta forma, podemos considerar a ruptura da relação arcaica com a mãe um momento importante no desenvolvimento psicosssexual da menina, na direção da feminilidade. Porque, como vimos, isso implicaria, segundo Freud, na diminuição dos impulsos ativos e da masturbação do clitóris, em função de tendências passivas. A menina estaria assim recalçando aspectos masculinos de sua sexualidade em favor dos femininos, ocorrendo a troca do objeto de amor que passa a ser o pai.

#### Fase de entrada no Complexo de Édipo

Freud coloca:

"O desejo que orienta a menina em relação ao pai é originalmente o de conseguir, através dele, o pênis que a mãe negou. Porém a situação feminina se constitui logo, quando o desejo de ter o pênis é relevado pelo desejo de ter um filho, substituindo-se assim o pênis pela criança, conforme a antiga equivalência simbólica". (Freud, p. 939, 12)

Vemos que, com a entrada no Édipo, a menina passa do

desejo da mãe ao desejo do pai, inicialmente mobilizada pelo desejo de conseguir o pênis negado pela mãe. Posteriormente, o desejo do pênis será substituído pelo desejo de ter um filho do pai, o que constitui a entrada na forma feminina de sua sexualidade. Porém apesar das explicitações de Freud, ainda encontramos dificuldades em responder às seguintes perguntas:

Por que a menina fará do pai o seu objeto? Por que passará do desejo do pênis ao desejo da criança?

A fim de analisarmos a relação da menina com o pai, gostaríamos, em primeiro lugar, de fazer um retrocesso sobre algumas idéias do autor.

Segundo Freud, a descoberta da ausência de pênis pela menina em seu próprio corpo, isto é, o Complexo de Castração a levaria à inveja do pênis e, desta forma, ela demonstraria o desejo de ter um pênis também.

Como interpretaríamos a busca de um pênis pela menina?

Nos "Três Ensaio sobre a Teoria da Sexualidade" (1905), Freud aponta o interesse da menina pelo pênis do rapaz, como um interesse então orientado pela inveja, quando a menina diz que gostaria de ser um rapaz.

Em "Sexualidade Feminina" a inveja do pênis se traduz em ter um pênis como o rapaz.

Em "Feminilidade", a menina se dirige ao pai à procura do pênis. Este será substituído posteriormente pelo desejo de ter um filho do pai.

Vemos ainda que segundo a opinião de Freud, a vagina é desconhecida até a puberdade. E a menina daria um passo em direção de sua feminilidade ao substituir o desejo do pênis pelo desejo do bebê.

Porém, diante de todos esses enfoques levantados sobre a inveja do pênis, nos sentimos sem saber o que realmente a menina deseja:

- Ter um pênis pessoal?

- Ter o pênis do pai à disposição?

- Desejo de ser um homem para ter um pênis? É isso que ela pede ao pai? Então o homem seria visto como apêndice do pênis? Não estaria assim tomando a parte pelo todo?

Ainda neste momento nos parece que Freud não introduz o processo de simbolização necessário e característico do processo edípiano. O termo pênis não chega a ser distintamente utilizado de falo (objeto simbólico), o que acarreta distorções interpretativas. Esse problema específico tem-nos trazido dificuldades no sentido de situar o desejo da menina, como em atingir uma maior compreensão sobre a sexualidade feminina.

Antes de entrarmos no próximo capítulo onde abordaremos o Declínio do Complexo de Édipo e as principais dificuldades deste conflito no caso da mulher, gostaríamos de explicitar qual é a nossa questão fundamental em relação ao Complexo de Édipo feminino.

Vemos que Freud descreve os caminhos necessários para que a menina se torne mulher, que até o presente momento

se desenvolve desde a primeira relação de amor com a mãe até a procura do pai como objeto sexual.

Porém o nosso questionamento é sobre o processo mental que se desenvolve no psiquismo feminino, no pensamento da mulher, em suas sensações, nas passagens das etapas anteriores e de entrada no Complexo de Édipo. Isso é, mais claramente: o que a menina precisa para tornar-se mulher? O que ela pede? O que ela quer?

Sentimos muitas vezes dificuldades em ter uma compreensão mais específica sobre o assunto, na medida em que Freud não faz uma distinção clara entre os termos pênis e falo e, muitas vezes, somos levados a pensar que o autor estaria enfatizando aspectos estritamente masculinos da sexualidade em detrimento dos femininos.

Tais dificuldades nos parecem decorrentes da afirmação do autor de que, na fase fálica, o que existe é uma primazia fálica, quando afirma, ao mesmo tempo, ser o órgão genital masculino o único órgão conhecido e levado em conta. A oposição existente seria entre: órgão genital masculino (fálico) X castrado.

Sentimos da mesma maneira, uma dificuldade de exprimir a noção de um feminino, quando o autor afirma ser a vagina desconhecida nesta época, e a mulher seria vista como castrada.

Perguntamo-nos:

Será que a mulher poderia se sentir castrada daquilo que ela não tem?

Não estamos, com isso, querendo negar a ferida narcí-  
sica decorrente da descoberta da ausência do pênis em seu  
próprio corpo, mas tal descoberta teria necessariamente o  
sentido de castração? Não poderia, por exemplo, assumir o  
sentido de ausência ou de diferença?

Verificamos que o Complexo de Castração é colocado  
por Freud como o fator que propiciará a entrada da menina na  
fase positiva do Complexo de Édipo, isto é, na troca objetal  
da mãe para o pai. Porém, sentimos dificuldades em determi-  
nar o que a menina estaria pedindo ao pai: um pênis pessoal?  
Um pênis à sua disposição?

Achamos que tais dificuldades são, mais uma vez, de-  
correntes da ambigüidade conceitual entre pênis e falo, o  
que nos impede de ter uma melhor compreensão sobre as necessi-  
dades e os desejos da mulher.

Tentaremos aprofundar essas questões na segunda par-  
te do nosso trabalho, segundo uma abordagem lacaniana, atra-  
vés da apresentação do pensamento de Lemoine, E. sobre o Com-  
plexo de Édipo feminino.

### 2.3 - Declínio do Complexo de Édipo

Sabemos da importância que o Complexo de Édipo desem-  
penha no desenvolvimento psicosssexual dos seres humanos. No  
entanto, como já vem sendo explicitado, verifica-se, na teo-  
ria psicanalítica, uma diferença radical quanto às propostas  
de resolução deste conflito para o sexo masculino em relação  
ao feminino. Podemos dizer que sobre o Complexo de Édipo

masculino, encontramos uma teoria acabada, com propostas precisas e claras. Porém o mesmo não ocorre na sua abordagem quanto ao sexo feminino.

Encontramos algumas imprecisões na abordagem do Complexo de Édipo feminino no decurso da obra do autor e, espe-  
cificamente quanto ao problema do declínio e abolição do conflito na menina, o que justamente tentaremos discutir neste capítulo.

As nossas principais perguntas serão:

- Como o Complexo de Édipo poderá ser superado em ambos os sexos?

- Como ocorrerá a interdição contra o incesto?

Segundo Freud, no caso do menino não existiriam grandes problemas quanto à dissolução deste complexo.

Como vimos, relaciona a abolição do Complexo de Édipo no menino, à descoberta e ameaça de castração, o que faria com que ele entrasse num conflito entre o investimento libidinal pela mãe e o interesse narcísico pelo pênis. Normalmente, o interesse narcísico pelo pênis venceria, propiciando que o Ego do menino se desligasse do Complexo de Édipo.

Vejamos como Freud descreve este processo de desligamento do conflito para o sexo masculino.

Em "Psicologia das Massas" (1921):

"O menino encontrou durante a primeira fase de sua vida, fase que se estende até os cinco anos, seu primeiro objeto erótico na mãe

(e a menina no pai) e sobre este primeiro objeto erótico se concentravam todos os seus instintos sexuais que aspiravam encontrar satisfação. A repressão posterior impõe a renúncia da maioria destes fins sexuais infantis e acarreta uma profunda modificação da relação do menino com os seus pais. O menino permanece ligado a seus pais, mas com instintos que podemos qualificar de "coartados em seus fins". Os sentimentos que experimenta com tais pessoas são qualificados de sentimentos ternos. Sabe-se que as primitivas tendências sexuais são conservadas com maior ou menor intensidade no Inconsciente, de maneira que a corrente total primitiva perdura em certo sentido". (Freud, p. 1148, 6)

Em seu artigo "O Ego e o Id" de 1923, diz que para haver uma destruição do Complexo de Édipo, a carga de objeto sexual do menino em relação à mãe deve ser abandonada, sendo substituída por identificações. Isto é, pode surgir uma identificação com a mãe ou pode ser intensificada a identificação com o pai, sendo este último resultado o que considera "normal", permitindo assim a conservação da relação carinhosa do menino em relação à mãe.

Mostra que o superego é o herdeiro do Complexo de Édipo. Ele não é simplesmente um resíduo das primeiras relações objetivas do Id, mas também consequência de formações reativas contra as mesmas. O superego surge ainda de uma identificação com o modelo paterno, tendo cada uma de tais identificações o caráter de uma dessexualização e de uma sublimação.

Em "Final do Complexo de Édipo" (1924), o autor faz colocações mais abrangentes como citaremos a seguir:

"As cargas de objeto são abandonadas e substituídas por identificações. A autoridade dos pais ou do pai é introjetada no ego, constituindo o núcleo do superego, que toma do pai o seu rigor, perpetua a proibição desta contra o incesto e garante assim o ego contra o retorno das cargas de objeto libidinais. As tendências libidinais correspondentes ao Complexo de Édipo são, em parte, dessexualizadas e sublimadas, coisa que sucede provavelmente em toda transformação em identificação e em parte inibidas quanto ao seu fim e transformadas em tendências sentimentais. Este processo tem salvo, por um lado, os genitais, afastando a ameaça de castração, e por outro lado, os tem paralisado, despojando-os de sua função. Este processo introduz o período de latência que interrompe a evolução sexual do menino". (Freud, p. 502, 9)

Gostaríamos de ressaltar o papel do pai em relação ao menino na abolição do Complexo de Édipo. Verificamos que o pai é visto pela criança como aquele que, através da ameaça de castração, carrega em si a interdição contra o incesto. Segundo o autor, mesmo sendo a mãe que, muitas vezes, formule as ameaças de castração, é ao pai que elas são atribuídas pela criança.

Desta forma, o pai é colocado como o portador de uma lei, a lei da interdição das relações incestuosas, propiciando que a criança se abra para um novo espaço das trocas culturais.

Nesta fase do declínio do Complexo de Édipo, o menino entrará no período de latência, ocorrendo uma interrupção de seu desenvolvimento sexual pela inibição das pulsões sexuais, até a adolescência.

A energia dos impulsos sexuais infantis que não dei-

xam de existir neste período de latência, é desviada totalmente ou em parte da utilização sexual e orientada em relação a outros fins. A este processo dá o nome de sublimação, que constitui um forte elemento para todas as funções culturais. Freud esclarece que a sublimação dos impulsos instintivos sexuais se produz, neste caso, por meio de formações reativas.

Até a adolescência, as eleições e os resultados de eleições infantis de objeto são inutilizáveis, pois seus fins sexuais têm experimentado uma atenuação e representam o que Freud denomina "corrente de ternura da vida sexual".

O autor coloca:

"Os resultados da escolha objetal infantil trazem conseqüências a épocas posteriores: ou conservam intacto o seu caráter peculiar ou são revividas na época da puberdade. Mas, neste período (latência), em conseqüência da repressão que ocorre entre as duas fases (infância e adolescência), revelam-se inutilizáveis. Seus fins sexuais têm experimentado uma atenuação e representam aquilo que podemos chamar de "corrente de ternura" da vida sexual". (Freud, p. 802, 3)

Para o autor, esse processo final consistiria, nos casos favoráveis, em algo mais que uma repressão. Equivalência a uma destruição, abolição, desaparecimento do complexo. Pois ocorrendo apenas uma repressão, o conflito continuaria no Id e poderia se manifestar sob forma patógena posteriormente.

Desta forma o Complexo de Édipo seria suprimido no menino.

E no caso da menina, como se desenvolveria o processo de desligamento do pai e a interdição contra o incesto?

A primeira dificuldade para Freud, no caso feminino, estaria centrada no seguinte fato:

"... com a exclusão da ameaça de castração, desaparece um poderoso motivo para a formação do Superego e para a interrupção da organização genital infantil". (Freud, p.503, 9)

A ameaça de castração seria o principal motivo que levaria o menino a superar o conflito. Como ela está ausente na menina, o autor é levado a novas questões e a levantar uma série de hipóteses alternativas a fim de dar explicações e tentar resolver o problema. Citaremos a seguir essas hipóteses:

Em "O Declínio do Complexo de Édipo", o autor se questiona se no caso da mulher, poderia ocorrer, da mesma forma que para o menino, o desenvolvimento de um Complexo de Édipo, a formação do superego e o período de latência. Conforme citamos acima, para o autor, faltaria na mulher, um poderoso motivo de formação do superego e de interrupção da organização genital infantil. Ele completa então que:

"Estas formações parecem ser, mais que no menino, conseqüências da educação, da intimidação exterior que a ameaçam de perda de carinho dos educadores". (Freud, p. 503, 9)

E ainda:

"O Complexo de Édipo na menina é muito mais simples que no menino e, segundo minha ex-

periência, poucas vezes vai além da substituição do lugar da mãe e da atitude feminina com respeito ao pai. A renúncia ao pênis não é suportada sem a tentativa de uma compensação. A menina passa, poderíamos dizer que seguindo uma equação simbólica da idéia do pênis à idéia do filho. Seu Complexo culmina no desejo, mantido por muito tempo, de receber do pai um filho como presente, ter dele um filho. Temos a impressão de que o complexo é então abandonado lentamente, porque este desejo não chegará a cumprir-se". (Freud, p. 503, 3)

Em "Algumas Conseqüências Psíquicas da Diferença Anatômica Entre os Sexos", o autor coloca:

"Na menina falta o motivo para a demolição do Complexo de Édipo. A castração já exerceu seu efeito, que consistiu precisamente em precipitar a menina à situação do Complexo de Édipo. Assim, este complexo, escapa ao destino que encontra no menino: e o Complexo de Édipo pode ser abandonado lentamente ou liquidado por meio da repressão, ou seus efeitos podem persistir por muito tempo na vida psíquica normal da mulher. Ainda que vacile em expressá-la, não posso fugir à noção de que, o nível daquilo que é eticamente considerado normal na mulher, é diferente do que é considerado para o homem. O Superego feminino nunca chega a ser tão inexorável, tão impessoal, tão independente de suas origens afetivas, como exigimos que o seja no homem". (Freud, p. 490, 10)

Em "Sexualidade Feminina", diz:

"A castração não destrói e sim leva ao Complexo de Édipo. Este complexo escapa às poderosas influências hostis que tendem a destruí-lo no homem e, com muita freqüência, a mulher nunca chega a superá-lo. Por isso, também, os resultados culturais de sua desintegração são mais insignificantes e menos decisivos na mulher do que no homem. Possivelmente não estaríamos errados em dizer que é esta diferença na interrelação entre o Complexo de Édipo e o de castração que dá seu

cunho especial ao caráter da mulher como ser social". (Freud, p. 522, 11)

Em "Feminilidade":

"Para a menina, a situação edípica é o resultado de uma evolução longa e difícil; é uma espécie de solução preliminar, uma posição de descanso, que não é logo abandonada, sobretudo porque o início do período de latência não está distante... A menina permanece ligada ao Complexo de Édipo indefinidamente, e só tardiamente o supera e, ainda assim, de forma incompleta". (Freud, p. 940, 12)

A partir dessas colocações do autor sobre o declínio do Complexo de Édipo na mulher, o que concluímos?

Em primeiro lugar, achamos difícil chegar a uma conclusão definitiva sobre suas propostas, na medida em que o autor levanta uma série de hipóteses alternativas para responder ao problema, que são, muitas vezes, contraditórias e, conseqüentemente, não se apresentam numa relação de compreensão e complexidade cada vez maior e progressiva no tempo.

Por outro lado, Freud não parece se definir por uma delas como a mais provável em resposta ao conflito.

Tentaremos fazer uma reflexão sobre algumas dessas hipóteses.

Inicialmente, gostaríamos de verificar a relação existente entre a abordagem do autor sobre o declínio do Complexo de Édipo feminino e a formação do superego na menina. Observamos que, segundo Freud, o superego feminino:

- Não poderia atender à força e independência que lhe dá significação cultural.

- Não é tão inexorável, impessoal, tão independente de suas origens afetivas como para o menino.

- Assim sendo, o nível ético considerado normal é avaliado de forma diferente do menino.

Nos parece que o autor demonstra, com tais colocações, toda uma dificuldade existente no caso feminino de superação do Complexo de Édipo, mostrando, paralelamente com isso, uma certa irregularidade na formação do superego feminino, que estaria na dependência de forças exteriores, educacionais, sócio-culturais etc.

Quais seriam as conseqüências desse enfoque? Como o sexo feminino poderia atingir sua maturidade e identificação própria?

Vejamos outras citações que nos parecem ambíguas:

Como vimos, em "Feminilidade", o autor diz ter a impressão de que a menina permaneceria por um tempo longo ligada ao Complexo de Édipo e, só posteriormente a superaria, porém de forma incompleta.

Em "Algumas Conseqüências Psíquicas da Diferença Anatômica entre os Sexos", diz que os efeitos do Complexo de Édipo podem permanecer na vida psíquica normal da mulher.

Porém Freud, em outros textos, como por exemplo: "Psicologia das Massas" e "Psicologia da Vida Erótica", mostra o papel fundamental que o Complexo de Édipo desempenha na estruturação da personalidade dos indivíduos, e no desenvolvimento da sexualidade humana, havendo inclusive uma tendência

do autor a considerá-lo como o complexo nuclear das neuroses. Em "Psicologia das Massas" faz uma análise das diferentes formas de eleição de objeto, mostrando como o tipo de relação estabelecida na situação triangular, e as formas de resolução deste conflito, podem não só influir como determinar a maneira como as pessoas vão se relacionar com outras na sua vida posterior, assim como, as peculiaridades na eleição do objeto sexual etc. Diz que tal conflito, quando não superado, poderá deixar marcas inconscientes no Id, manifestando-se de forma patógena posteriormente.

Em "Psicologia das Massas" faz uma análise de diferentes formas de identificação e cita como um de seus exemplos um tipo de identificação patológica que é o caso de uma mulher que passa a sofrer dos mesmos sintomas que incomodam a mãe. Isso significa uma não superação do Complexo de Édipo, na medida em que esse tipo de identificação sintomática seria semelhante a da menina com a mãe na relação triangular que se traduziria no desejo hostil de substituí-la junto ao pai. O sintoma expressaria a inclinação erótica dirigida ao pai que seria manifestada desta forma, por gerar-lhe sentimento de culpa.

Tais colocações nos mostram claramente como o autor relata e admite que uma permanência da menina no Complexo de Édipo poderia vir a ser fonte de perturbações e identificações neuróticas posteriores.

Por outro lado, como vimos, o autor parece hesitar, mostrar-se indeciso na definição de um motivo que fosse o propiciador da dissolução deste conflito no sexo feminino. Colo

ca que a menina, de maneira oposta ao sexo masculino, poderia permanecer mais tempo ligada a esse complexo e só tardiamente o superaria de forma incompleta. Ao mesmo tempo, ele sugere que essa permanência possa ser considerada normal na vida psíquica feminina. Assim sendo, suas colocações sobre o declínio do Complexo de Édipo feminino mostram-se ainda muito controvertidas e ambíguas.

Como poderemos articular suas hipóteses sobre a dissolução deste conflito na menina?

Como poderemos encarar suas colocações sobre as dificuldades peculiares do sexo feminino em superar o Complexo de Édipo:

- Como um dado clínico? Ou poderiam ser encaradas como fruto de uma teoria ainda rudimentar sobre o assunto?

Na medida em que o próprio autor admite e declara sentir-se insatisfeito com os seus conhecimentos sobre os processos evolutivos no sexo feminino, ele próprio dá margens a abertura a novas investigações no sentido de uma complementação desta teoria em desenvolvimento.

São tais lacunas do pensamento de Freud que nos remetem às mesmas questões anteriores sobre o declínio do Complexo de Édipo na menina.

São elas:

- Como a menina chegaria a superar este conflito?
- O que determinaria o término de sua ligação com o pai?
- Como se daria a interdição contra o incesto?

Gostaríamos de levantar o aspecto da identificação, por ser um processo importante e singular no desenvolvimento humano.

Segundo a psicanálise, a identificação é conhecida como a forma mais primitiva de uma relação afetiva com outra pessoa, desempenhando um papel primordial na pré-história do Complexo de Édipo, bem como na resolução do mesmo.

Sabemos que o menino, inicialmente, mantém uma relação de identificação com o pai, que é considerado como um modelo para imitar, tomando a mãe como objeto de investimento libidinal. Porém, ao perceber que o pai é um obstáculo à realização de tais desejos, essa relação de identificação assume um caráter hostil, exteriorizando desta forma a ambivalência da relação existente desde o início.

Na menina, o processo seria inverso. Inicialmente ela estabelece uma relação de identificação com a mãe, tomando-a também como seu primeiro objeto de amor. O Complexo de Castração seria o fator que a precipitaria com direção ao pai incrementando assim o caráter hostil da relação com a mãe.

Freud completa que, para o sexo masculino, é o Complexo de Castração que possibilita a dissolução do Complexo de Édipo. Para tal, seria necessário que a carga de objeto em relação à mãe fosse abandonada, surgindo em seu lugar uma identificação com a mãe ou seria intensificada a identificação com o pai. Este resultado final seria considerado o "esperado" nos casos bem sucedidos, permitindo a conservação de

relação de índole carinhosa com a mãe.

O autor parece admitir que, na menina, também ocorra um processo análogo, porém invertido logicamente, dizendo que:

"O desfecho do Complexo de Édipo numa identificação com o pai ou com a mãe parece, pois, depender, em ambos os sexos, da energia relativa das duas disposições sexuais (masculina e feminina)". (Freud, p. 18, 6)

No entanto, verificamos que este processo final de abolição do Complexo de Édipo e da introjeção da lei de proibição das relações incestuosas, só aparece claramente definido para o sexo masculino. Parece faltar à menina "o poderoso motivo de aniquilamento do Édipo: a ameaça de castração". Conseqüentemente, as referências do autor sobre o processo de identificação como uma decorrência da abolição do Complexo de Édipo na menina, não são tão precisas e detalhadas quanto para o sexo masculino, evidenciando assim, pontos obscuros na teoria psicanalítica quanto a sexualidade feminina.

Como já abordamos, o que Freud tem a nos dizer sobre este processo final da relação da menina com o pai consiste em:

"A renúncia do pênis não é suportada sem a tentativa de compensação. A menina passa, segundo uma equivalência simbólica, da idéia do pênis à idéia do filho. Seu Complexo de Édipo culminará no desejo, que será guardado por muito tempo, de receber uma criança do pai, como uma dádiva, de ter um filho do pai. Tempos a impressão de que o Complexo de Édipo é abandonado logo lentamente, porque este desejo não chegará jamais a cumprir-se". (Freud, p. 503, 9)

Nos parece que ainda neste nível de posicionamento da menina, no desejo de ter um filho, ela estaria situada dentro do triângulo edípico, como aquela que pede coisas ao pai: pênis - criança. O seu desejo estaria vinculado à pessoa do pai e poderíamos dizer que ela se situaria como mulher, mas em relação ao pai.

E, por quanto tempo ela permaneceria ligada ao pai, na expectativa deste desejo? Qual seria o fator considerado como propiciador de seu desligamento? A nosso ver na dificuldade de estabelecer uma lei de interdição contra o incesto, de algo que determine o desligamento da menina em relação ao pai, a teoria do Complexo de Édipo feminino fica incompleta, assim como em relação a uma delimitação mais clara sobre o papel da mulher como ser bio-psico-social.

Verificamos, na abordagem do autor sobre a sexualidade feminina, dificuldades crescentes que culminam no paradoxo de proposições opostas para a resolução do problema.

Pensamos que o problema do declínio do Complexo de Édipo, o paradoxo da castração feminina (inveja do pênis) e a fase fálica do desenvolvimento psicosexual humano, enfim, que a teoria do Complexo de Édipo feminino se desenvolve sobre um ponto central de ambigüidade, em relação a pênis-falo, que se traduz na oscilação do campo biológico ao simbólico. Achamos que a falta de uma inserção do problema da Sexualidade Feminina no plano simbólico, acarreta uma real dificuldade de compreensão e na interpretação da obra de Freud, que, a nosso ver, só poderá ser realmente compreendida se tal plano for levado em conta.

Podemos dizer que, através da proposição de equivalências simbólicas entre pênis-criança, pela substituição do desejo do pênis pelo desejo do filho, Freud está dando uma abertura para a dimensão simbólica. Isto é, se encararmos então o termo pênis, sem ambigüidades conceituais, como um objeto simbólico que então poderia entrar em equivalência a outro objeto simbólico (criança), justamente por estarem ligados ao mesmo objeto simbólico: o falo.

Porém, como dissemos anteriormente, será Jacques Lacan que dará o grande passo na valorização do processo simbólico, recentrando a teoria psicanalítica ao conceito de falo, que será introduzido e definido por ele de forma explícita como significante do desejo.

Lacan propiciará uma abertura no sentido de serem encontradas soluções para o problema edípico feminino, por introduzir o plano simbólico da castração.

A teoria lacaniana nos dará a possibilidade de fazermos uma leitura mais compreensível da teoria psicanalítica, justamente por restringir uma série de ambigüidades conceituais e interpretativas nos textos de Freud.

Parece-nos que, ao remeter a psicanálise ao plano simbólico, em torno de noção de falo, isso acarretará uma nova visão da obra de Freud, no sentido da obtenção de uma maior lógica e clareza nas proposições.

Segundo Lacan, é justamente através da lei de interdição ao incesto que a criança poderá sair de uma relação imediata com os pais, para uma relação mediata devido a sua

incursão na ordem simbólica, inerente à linguagem\*.

No entanto será Lemoine, E., considerada uma discípula de Lacan, que fará postulações teóricas sobre os problemas especificamente femininos relativos ao conflito edipiano.

Assim sendo, na segunda parte do nosso trabalho, trataremos de mostrar como, no caso da mulher, Lemoine acrescentará ao conceito de castração introduzido por Freud e retomado por Lacan, o Conceito de Partição, considerado como um fenômeno característico da sexualidade feminina. Analisaremos o aspecto imaginário da partição e da castração como é abordado pela autora\*\*.

O último capítulo será destinado a verificar como a menina passará da Partição e Castração Imaginárias à Partição e Castração Simbólicas, o que funcionaria, segundo a autora, como uma solução para o conflito edipiano.

---

\* Gostaríamos de elucidar que em relação ao problema da dissolução do Complexo de Édipo, verificamos que Lacan possui uma abordagem teórica similar para ambos os sexos, que se encontra centrada na noção de falo (como significante do desejo do outro) e no conceito de Castração Simbólica. Para Lacan, ambos os sexos resolvem o Complexo de Édipo através da assunção da Castração Simbólica. Lemoine, partindo de Freud e Lacan, tenta fazer uma formulação mais específica sobre o Complexo de Édipo feminino.

\*\* Achamos importante esclarecer, entretanto, que Lemoine enquanto discípula de Lacan, apresenta aspectos teóricos semelhantes aos lacanianos, mas desenvolve a partir daí, sua própria teoria. A autora introduz, por exemplo, os conceitos de Partição e Castração Imaginárias e de Partição Simbólica, que são conceitos novos em relação a abordagem de Lacan. Nessa tese, não pretendemos elaborar uma comparação diferencial entre as propostas teóricas de Lacan e de Lemoine, por fugir aos nossos objetivos. Faremos um paralelo entre as teorias de Lemoine e de Freud sobre o Complexo de Édipo feminino, tentando mostrar em que medida Lemoine poderá complementar as questões deixadas em aberto por Freud sobre o assunto.

Desta forma, pretendemos aprofundar as questões que são deixadas em aberto na obra de Freud, através das formulações teóricas de Lemoine, E., que visam mostrar como o conflito edipiano na menina pode ser um problema passível de solução.

Veremos que para Lemoine, o desenvolvimento do conflito edipiano feminino é paralelo a um processo de simbolização em crescimento, que é inerente ao próprio processo de identificação feminino. Por estes processos, e através da resolução do conflito edipiano, a menina poderá passar da sexualidade infantil à sexualidade genital adulta, colocando-se como ser desejante e identificado sexualmente.

### 3.- ENFOQUE DE LEMOINE SOBRE O COMPLEXO DE ÉDIPO FEMININO

#### 3.1 - Partição e Castração Imaginárias

Neste capítulo pretendemos explicitar a posição de Lemoine sobre a Partição e a Castração Imaginárias na mulher. Ambas são consideradas, pela autora, como momentos estruturais dentro do processo de desenvolvimento psicosssexual feminino e necessárias ao processo de evolução e resolução do conflito edípico.

Achamos importante elucidar que a autora, como discípula de Lacan, adota uma perspectiva estruturalista. Desta forma, considera os fenômenos de Partição e Castração Imaginárias como momentos míticos, ou seja, como momentos estruturais dentro do processo de desenvolvimento da sexualidade feminina, não se prendendo a fases seqüenciais de desenvolvimento, como encontramos na abordagem freudiana.

Podemos dizer que as postulações teóricas de Lemoine não são contraditórias às de Freud. O seu objetivo é justamente complementar a teoria freudiana em relação ao Complexo de Édipo feminino. Contribui, assim, para o aprofundamento de algumas questões que foram deixadas em aberto por Freud e para o esclarecimento de alguns pontos que se acham indefinidos em sua obra, como o complexo de castração feminino. Desta forma a autora possibilita que se tenha uma nova compreensão sobre o processo edípico na mulher.

Segundo as postulações de Freud e de Lemoine, só pela resolução do Complexo de Édipo, o sujeito será capaz de

descobrir o seu próprio desejo, atingir o estágio genital e a forma madura de sua sexualidade. Porém, tínhamos visto que, se para Freud a resolução do Complexo de Édipo havia sido completamente elucidada para o sexo masculino, a análise do Complexo de Édipo feminino havia ficado incompleta, e especificamente quanto ao aspecto de sua resolução.

Verificamos que Freud e, posteriormente, Lacan, afirmam que o conflito edipiano só poderá ser resolvido através da castração. Como dissemos acima, no sexo masculino o problema fica totalmente elucidado, na medida em que, segundo Freud, o menino se desligará do Complexo de Édipo através da ameaça de Castração e, como completa Lacan, através da assunção da Castração Simbólica.

Porém, Lemoine, analisando mulheres, descobre que a sexualidade feminina se dá sob a égide do duplo e da partição. A autora introduz o conceito de Partição Imaginária como um fenômeno novo e característico da sexualidade feminina. Verificamos, então, que a questão fundamental da obra de Lemoine, isto é, a sua principal preocupação reside em verificar qual a relação que poderia existir entre os fenômenos de Partição Imaginária e de Castração Simbólica. A autora tenta explicar como a mulher chegará a resolução do Complexo de Édipo passando da Partição Imaginária à Castração Simbólica através de um processo de identificação.

Podemos dizer que o Complexo de Édipo é considerado, pela autora, seguindo a ótica lacaniana, como um momento crucial na vida psíquica infantil, de passagem do registro ima

ginário\* ao registro simbólico\*. O imaginário representa o nível das fantasias, da relação dual e da alienação no espelho\*\*. O simbólico representa o nível das relações ternárias, mediatas, da diferença, da linguagem e do social simbólico.

Tanto para Lemoine, como para Lacan, explicar a crise edipiana consiste justamente em elucidar como ocorre a passagem do nível imaginário ao simbólico. A passagem de um tipo de relação dual (mãe-filha) imediata e especular a uma relação mediata, própria do registro simbólico, justamente pela inserção do terceiro termo do triângulo edípico (o pai), que é considerado como um elemento de rompimento da relação dual.

A autora descreve este processo de passagem do imaginário ao simbólico através dos fenômenos de Partição e Castração Imaginárias e de Partição e Castração Simbólicas, concordando com Freud e Lacan, que a mulher só resolverá o Complexo de Édipo pela assunção da Castração Simbólica.

Veremos, neste capítulo, como Lemoine introduz o conceito de Partição Imaginária como um fenômeno característico da sexualidade feminina, assim como, o conceito de Castração Imaginária, na medida em que ambos contribuem para o processo de individualização e identificação sexual da mulher.

---

(\*) Imaginário e Simbólico: estes conceitos estão definidos no glossário.

(\*\*) Estágio do Espelho: este conceito foi apresentado por Lacan em 1936 e será retomado por Lemoine em suas postulações teóricas. Encontra-se definido no glossário.

Começaremos explicando o conceito de Partição Imaginária que é definido por Lemoine como um fenômeno característico da sexualidade feminina. Verificamos que a autora, através de suas postulações teóricas e de estudos de casos clínicos, caracteriza o imaginário feminino de forma distinta do sexo masculino ao defini-lo segundo uma linha de dupla e de partição. O que isso significa?

O conceito de Partição Imaginária que é introduzido por Lemoine, refere-se a uma fase primitiva do desenvolvimento psicosexual da menina, ao nível imaginário onde é estabelecida uma identificação alienante da menina com a mãe, fase da alienação especular. Segundo a autora, ao nível imaginário da relação dual (menina-mãe), fantasias de dupla, de unidade e de totalidade são estabelecidas entre a menina e sua mãe. Por esse motivo, a autora coloca que qualquer possibilidade da perda ou do afastamento da mãe ("seu duplo") é vivido pela menina, sob o medo ou a angústia da perda da metade de si mesma, caracterizando, assim, o fenômeno de Partição Imaginária feminina. Podemos dizer que esse temor peculiar do sexo feminino, deve ser considerado como um testemunho desta relação primitiva e arcaica com a mãe.

Como vimos, a autora afirma que a mulher está destinada a viver num regime de dupla e de partição. Porém, para uma melhor compreensão do conceito de partição, é necessário que levemos em conta que a nível imaginário, a menina estabelece uma identificação alienante com a mãe, característica do estágio do espelho.

Podemos dizer que, nessa fase, a menina se confunde com a imagem da mãe, não sendo ainda capaz de se representar,

se sentir como diferente. É a fase onde se estabelece uma identificação alienante com a mãe (identificação primária) e a figura materna é vista, pela menina, como o seu "duplo" (como sua imagem, o par, o igual, o idêntico).

Pela projeção especular, a menina pode ter o reconhecimento total do seu corpo, através de sua imagem projetada no espelho. Podemos dizer que ocorreria, neste momento, um rudimentar fenômeno de Partição Imaginária ou seja de separação da mãe, por haver uma percepção, pela criança, do seu ego corporal através de sua imagem unitária projetada no espelho. Achamos importante elucidar que, apesar da Partição Imaginária ser considerada como uma forma arcaica de relação e de identificação alienante, da menina com a mãe, ela também deve ser compreendida como uma etapa inicial do processo de individualização da criança, isto é, da separação da mãe, justamente por já haver uma percepção global de seu ego corporal pela imagem projetada no espelho. Porém, nós não poderíamos confundir essa separação que proporciona a imagem de um ego corporal total da criança, com a percepção adulta de si mesmo como diferente, na medida em que isso exigiria a delimitação de sua própria interioridade e identidade própria. É por esse motivo que Lemoine afirma que a menina vive a Partição Imaginária, que se define no medo da perda de si mesma, por relembrar-lhe a perda desta outra metade dela mesma, sua mãe, considerada como o seu duplo.

Lemoine circunscreve o fenômeno de Partição Imaginária como o regime da vida psíquica feminina, ressaltando justamente o fato da mulher ser destinada a viver, de forma diferente do sexo masculino, sob o signo do duplo e da partição\*.

\* É preciso notar, entretanto, que o imaginário da mãe é cúmplice desse processo na menina, na medida em que a mãe "aceita a identificação alienante da filha", confirmando que ela é mulher como ela.

A autora relata que:

"Um certo número de evidências bastam para definir o imaginário feminino seguindo uma linha de partição: ela tem dois órgãos sexuais distintos é verdade: a vagina e o clitóris; ela é do mesmo sexo do genitor que a engendrou. Este regime "duplo", define-se duplo" em razão da gravidez e do parto. A mulher que se torna mãe não é mais uma, mas duas. Do ponto de vista da mulher, é ela que se duplica e se desdobra e não o pai". (Lemoine, p.80, 14)

Verificamos que a autora aponta uma série de fenômenos especificamente femininos que contribuem para a caracterização do imaginário feminino segundo uma linha de dupla e de partição, em oposição ao imaginário masculino.

Segundo Lemoine, já na gravidez e no parto a mulher viveria, tendo dado nascimento a uma filha, a realização de sua fantasia de desdobramento. Isto viria a reger o imaginário feminino segundo uma linha de dupla e de partição. Além disso, pelo fato da mulher ter dois órgãos sexuais (a vagina e o clitóris) e ser do mesmo sexo da mãe ("seu duplo"), ela viveria sob o signo do "duplo" e da perda. Podemos dizer que as vivências primitivas e alienantes da menina com a mãe, assim como suas fantasias de dupla e de totalidade, serão posteriormente revividas pela mulher em diferentes situações de sua vida, e especialmente na regressão que acompanha a gravidez e no parto. Na gravidez, a mulher pode estabelecer uma fantasia de dupla e de totalidade, porque organicamente ela carrega o bebê dentro dela, como uma parte dela mesma, relembrando a sua relação arcaica com a mãe. No parto a mulher viveria a angústia de partição, quer dizer, a angústia da perda de uma metade dela mesma (sua mãe), representada pelo

nascimento do bebê (Regressão à Partição Imaginária).

A autora ainda aponta a menstruação feminina e o parto, como eventos capitais da vida orgânica da mulher, da sua fisiologia, dizendo que estes representam perdas e separações. Nesse sentido, a autora coloca que a mulher está destinada a viver sob o signo do duplo e da partição e de consecutivas perdas: perda da mãe, as regras, o parto. E, na medida em que existe uma equivalência simbólica entre esses fenômenos, eles representam perdas e divisões, justamente por relembrares a primeira perda básica, a perda da mãe.

Desta forma, Lemoine introduz o fenômeno de Partição Imaginária como um momento estrutural de extrema importância para a compreensão e para a caracterização do desenvolvimento psicosexual feminino.

De forma sumária, podemos definir a Partição Imaginária feminina como a vivência imaginária da mulher do medo da perda da metade de si mesma, por lembrar-lhe o recalçado, isto é, a perda dessa outra metade dela mesma: sua mãe.

Segundo a autora, a quebra dessa relação primitiva com a mãe será, progressivamente, possibilitada pela tomada de consciência cada vez mais efetiva pela menina da existência do terceiro elemento desta relação (o pai), caracterizando, desta forma, uma relação edipiana precoce no desenvolvimento infantil. Ressalta também a importância do papel desempenhado pelos pais neste processo de separação. Afirma que só ocorrerá a mudança objetal, se a mãe não estiver fixada na contemplação da filha, como na contemplação de sua pró

pria imagem.

Porém, a autora coloca que a percepção pela menina do terceiro elemento desta relação edípica, é uma percepção dolorosa, constituindo-se num momento de crise e de angústia para a menina. Ela percebe, então, que sua mãe não está olhando para ela, mas que o objeto de seu desejo é o pai. E, segundo as colocações de Lemoine, a menina sente-se negada e abandonada pelo olhar da mãe e não exatamente castrada. Assim sendo, ela vive muito mais sob o signo do abandono, e da perda da metade de si mesma (partição), do que sob a angústia de castração.

Definindo o imaginário feminino segundo uma linha de partição, a autora relata que a angústia da perda da mãe é vivida, pela mulher, de forma distinta do sexo masculino, por estar, antes de tudo, mais intimamente ligada, em sua estrutura, ao medo da perda da metade de si mesma.

A autora coloca que:

"Mais do que angústia de castração, a mulher, nós temos dito, conhece a angústia de partição" (Lemoine, p. 81, 14)

Segundo Lemoine, verificamos que, no sexo masculino, a perda da mãe é simbolizada no pênis, através da ameaça de castração. Como relata a autora:

"O homem, ele não perde seu pênis. A isso ele se liga para desvencilhar-se, além da mãe (e nisto a menina e o menino localizam-se na mesma insígnia), do seio. O pênis não é para ele um objeto parcial perdido. Ele o tem e ele tem medo de perdê-lo: é a fase fálica, com

a castração que lhe permite precisamente simbolizar a perda real da mãe que é recaldada ..." (Lemoine, p. 52, 14)

Porém, no sexo feminino, o processo de separação da mãe se daria de forma distinta do sexo masculino, na medida em que a menina é do mesmo sexo da mãe e viveria muito mais sob o signo da partição. Além disso, a menina é anatomicamente diferente do menino. Ela não possui o pênis para simbolizar suas perdas; ela possui o clitóris e a vagina ainda não descoberta. Segundo Lemoine, a mulher possui uma organização fálica própria: ela possui o clitóris e o seio, como dois órgãos erécteis que lhe dão prazer. Mas, em última instância, eles não poderiam simbolizar a castração porque ela não se sente ameaçada de perdê-los.

E, como diz Lemoine:

"A perda de uma metade dela mesma não é assimilável, na mulher, ao medo no homem de perder o pênis - logo um órgão - perda que não ocorre nunca simplesmente, e perda de um órgão bem particular uma vez que se trata de um órgão sexual". (Lemoine, p. 82, 14)

Verificamos que a autora coloca que não poderíamos tentar transpor diretamente as vivências de Partição Imaginária feminina às vivências de ameaça de castração masculina, porque antes de tudo a mulher vive sob o signo do abandono e da angústia da perda da metade dela mesma. Por outro lado, ela encontra-se ameaçada, não da perda de um órgão sexual viril, mas encontra-se ameaçada, em sua estrutura, da perda de uma parte dela mesma.

Partindo do pressuposto de que a mulher está destinada a viver sob a égide do duplo e da partição, ao introduzir o fenômeno de Partição Imaginária como uma característica da sexualidade feminina, verificamos que a autora se questiona, então, de que maneira a mulher passará da Partição Imaginária à Castração Simbólica. Vemos que Lemoine coloca a seguinte questão: como a mulher chegará à vivência da Castração Simbólica se não podemos atribuir-lhe imediatamente a ameaça de castração como ocorre para o sexo masculino.

Lemoine coloca que:

"É verdade que a mulher parece escapar à castração simbólica. Ela conhece mais naturalmente a privação real que ela compensa por um desejo e por uma fantasia de totalidade".  
(Lemoine, p. 57, 14)

Verificamos que a autora, na tentativa de encontrar uma explicação sobre o problema da Castração para o sexo feminino, parte justamente da distinção feita por Lacan entre os termos privação\* e castração\*. Seguindo a ótica lacaniana, a autora coloca que, no corpo da mulher não falta nada, nenhum órgão, e ela está completa anatomicamente. E, nesse sentido, a mulher conhece a vivência, antes de tudo, a privação real do órgão genital masculino em seu próprio corpo, e, desta forma, ela não poderia ser considerada como castrada

---

(\*) "Privação" e "Castração": estes termos foram diferenciados e definidos por Jacques Lacan e encontram-se explicitados de forma mais detalhada no glossário. De forma sumária podemos dizer que a privação é a falta real de um objeto simbólico e a castração é a perda real de um objeto imaginário (do falo).

ou assumir, nela mesma, o sentido da castração simbólica. Porém a autora acrescenta que será através do processo de identificação e de simbolização especificamente femininos que a mulher terá acesso à vivência da Castração Simbólica, que explicaremos no capítulo seguinte.

Mas, inicialmente, ainda nesta fase em que a menina estabelece uma relação estreita com a mãe, a autora relata que ela passará por um processo de identificação ao sexo masculino através do qual ela passará pela vivência da Castração Imaginária. A menina viverá a ausência de pênis em seu próprio corpo como sinal de sua incompletude, como sinal de uma falta, que representa a perda da mãe.

Para que entendamos porque a menina passa por uma identificação do sexo masculino, é necessário explicitar que, a nível imaginário, onde a menina estabelece uma relação dual com a mãe, fantasias de dupla e de totalidade são estabelecidas pela menina em relação à mãe. Podemos dizer que a menina desejaria ser o falo para a mãe, ou o significante do seu desejo; isto é: o seu complemento. Desejaria sentir-se plena e suprida pelo olhar da mãe, quer dizer, completa imaginariamente. Porém, na medida em que a menina percebe que sua mãe está olhando para o Outro (o pai) e não especificamente para ela, segundo Lemoine ela se sentirá abandonada, negada e frustrada no seu anseio de ser o falo para a mãe. É nesse sentido que a autora coloca que a menina poderá passar por uma identificação ao sexo masculino, mais especificamente à figura paterna, na sua expectativa de ser o objeto de desejo da mãe.

Porém, como diz Lemoine:

"... Por outro lado, o pai é aquele para o qual a mãe se volta, aquele do qual essa mãe tem necessidade para alcançar o seu gozo. Ele é pois aquele que tem a potência. Se porventura a filha vislumbra um pênis - fato em si contingente - este passa a ser o signo do falo. E desde então, ela pode também se representar o falo exatamente como faz o menino por intermédio do pênis, com a diferença, todavia, que ela não possui o órgão como parte dela mesma. Ela tem somente um clitóris, ela espera então um "verdadeiro pênis" e o espera do pai. Ela o espera como um dom. E evidentemente ela jamais o terá" (Lemoine, p. 45, 14)

Segundo Lemoine a menina passará por uma identificação à figura paterna, na sua tentativa de ser o falo para mãe, o desejo do desejo da mãe. Nesse sentido, podemos dizer que ela está a procura do falo, ou de algo que possa supri-la da sensação de negação e abandono sentidas como uma decorrência dos fenômenos de partição. Ela procura ser o falo para a mãe, procura "conquistá-la" ao ver que sua mãe não está totalmente voltada para ela, mas tem o pai por objeto de amor. Verificamos, então, que a menina está a procura do falo e não exatamente do pênis. Mas como diz Lemoine, na medida em que a menina vislumbra um pênis - fato em si contingente - este passará a ser considerado por ela como o signo do falo temporariamente. A menina poderá se representar de falo, (assim como faz o menino por intermédio do pênis) através de uma identificação ao sexo masculino. Desta forma ela viveria a inveja do pênis. Poderia desenvolver o desejo de ter um pênis, ou o desejo de ter um pênis que já não tem mais, imaginando tê-lo perdido. E nisso se traduz a Castração Ima

ginária feminina. A autora coloca que é a partir das fantasias de plenitude e de completude narcísicas, que são desenvolvidas, pela menina, em relação à mãe, que ela passará por uma identificação ao sexo masculino (introjetando o falo paterno) como uma forma de suprir-se do vazio e das perdas que são derivadas dos fenômenos de partição.

Podemos então caracterizar a fase fálica feminina como um período de oscilação entre o imaginário e o simbólico, através do qual a menina se prenderia a fantasias de plenitude e completude narcísicas, defendendo-se do medo de sofrer uma nova partição. A menina passaria por uma identificação à mãe fálica ou ao pai, e, desta forma, estaria evitando a aceitação da diferença sexual e conseqüentemente a Castração Simbólica.

Vejamos como a autora explicita este processo:

"Pela identificação ao homem, a mulher se imagina um pênis ausente\* (quando propriamente falando, ele não falte no homem) e ela simboliza assim a falta que lhe ocasionam todos os fenômenos de partição. Ela passa pois da perda imaginária de uma metade dela mesma (Partição Imaginária)\*\* à perda imaginária do órgão sexual viril (Castração Imaginária)\*\*, em seguida à perda simbolizável de um órgão sexual qualquer, desde que, todavia, a "inveja do pênis não a fixe na ausência real deste órgão sexual particular, o pênis". (Lemoine, p. 84, 14)

---

(\*) "Pênis ausente": tradução da seguinte expressão francesa utilizada pela autora: "pênis manquant".

(\*\*) As citações colocadas entre parênteses não constam no texto original. Foram introduzidas por nós, com objetivo de dar um maior esclarecimento às colocações da autora.

Verificamos que a autora coloca que, por uma identificação ao sexo masculino, a menina poderá viver a ausência de pênis em seu próprio corpo como o sinal de uma falta, como o sinal de sua incompletude, representando então, dessa forma, a perda da mãe. É a partir das fantasias de completude narcísica desenvolvidas pela menina em relação à mãe e pela perda progressiva da mãe, que ela poderá viver, a ausência de pênis em seu próprio corpo, como o sinal de sua incompletude, representando a perda da mãe.

Segundo a autora, paralelamente ao processo de identificação do sexo masculino é desenvolvido na menina um processo de contaminação com a castração masculina. Isto é: ocorre uma superposição da castração masculina (medo da perda do pênis) à Partição Imaginária feminina (medo da perda da metade de si mesma), que levará a menina a vivência da Castração Imaginária. Podemos dizer que ocorre uma superposição da ameaça de castração masculina (que é vivida pela mulher através da sensação de jamais ter tido um pênis) à Partição Imaginária feminina, e a mulher desenvolverá, a nível imaginário, a fantasia da perda de um pênis imaginário (Castração Imaginária).

Nesse momento da contaminação com a castração masculina, a menina viverá a Castração Imaginária feminina: através da vivência imaginária da perda do órgão sexual viril (pênis). A menina viverá a ausência de pênis em seu próprio corpo como sinal de sua incompletude, como o símbolo do objeto primordial perdido (mãe). Nesse sentido a autora coloca que ela poderá desenvolver fantasias paralelas tais como:

perda dos dentes, cabelos, etc... que em última instância, estariam relacionadas a fantasia de um pênis imaginariamente perdido. Neste caso o clitóris também poderia ser percebido por ela imaginariamente como um sinal da castração.

De forma sumária, podemos definir a Castração Imaginária feminina como a fantasia da perda imaginária de um pênis imaginário que seria desenvolvida pela mulher, a partir de uma identificação ao sexo masculino.

Como diz Lemoine, por uma identificação ao sexo masculino a menina passa da perda imaginária de uma metade de si mesma (Partição Imaginária) à perda imaginária de um órgão sexual viril (Castração Imaginária). Ela pode simbolizar, no pênis perdido imaginariamente, todas as perdas que lhe impõem os fenômenos de partição, principalmente a perda da mãe.

Desta forma, Lemoine vem mostrando que a identificação ao sexo oposto é um recurso corrente na menina para a quebra da relação especular, dando-lhe a oportunidade de dar entrada no processo de simbolização das perdas anteriores. A menina poderá então simbolizar a perda da mãe, que antes foi vivida sob o medo da perda da metade de si mesma, através da perda imaginária de um órgão sexual viril, que vem se superpor a essas partes perdidas. E desde que a menina não se fixe na ausência real deste órgão sexual (o pênis) através da inveja do pênis, ela dará prosseguimento ao seu processo de simbolização e identificação femininos até a vivência da Castração Simbólica que descreveremos no capítulo seguinte.

### 3.2 - Partição e Castração Simbólicas

Neste capítulo, pretendemos mostrar como a menina chegará a resolução do Complexo de Édipo, segundo as postulações teóricas de Lemoine.

Verificamos que a autora, da mesma forma que Freud, admite que a menina não chegaria à resolução do Complexo de Édipo através da ameaça de castração como ocorre no sexo masculino, porque ela não poderia sentir-se ameaçada da perda de um órgão sexual que ela não possui.

Lemoine propõe que a menina alcançará a resolução deste conflito pela Castração Simbólica que se dá através de um processo progressivo de Simbolização, desde a fase do espelho. Como já abordamos no capítulo anterior, a Partição e a Castração Imaginárias são consideradas como etapas necessárias dentro deste processo.

Neste capítulo, pretendemos demonstrar como a Partição e a Castração Simbólicas são também consideradas pela autora como momentos estruturais neste processo feminino de simbolização. Isto é, como fenômenos decisivos na dissolução do Complexo de Édipo feminino, na medida em que possibilitam que a mulher possa se colocar como sujeito desejante, assumindo a forma madura de sua sexualidade.

Como temos visto, o Complexo de Édipo significa a passagem da relação imediata e dual da menina com a mãe, característica do registro imaginário, à relação mediata própria do registro simbólico. Essa passagem ocorre pela inser-

ção do terceiro termo do triângulo edípico (o pai), considerado como um elemento de ruptura da relação dual com a mãe . Porém, segundo Lemoine, essa passagem da menina ao simbólico, até a vivência da Castração Simbólica, só poderá ocorrer através de um processo de identificação especificamente feminino.

Desta forma, retomaremos algumas colocações já feitas no capítulo anterior, para que possamos, assim como fez a autora, mostrar, através de uma seqüência lógica de pensamento, quais são as etapas a serem percorridas pela menina na direção da resolução do seu conflito edípico. Procuraremos descrever, por etapas, o processo de identificação feminino, que culminará na vivência da Castração Simbólica e, consequentemente, na resolução do Complexo de Édipo.

Como vimos no capítulo anterior, no registro imaginário, verificamos que a menina estabelece uma relação de identificação alienante com a mãe, não havendo ainda uma diferenciação entre ela e a mãe, ela e o outro, considerado como "o mesmo", "o igual", "o idêntico".

Como já explicamos, a menina vivencia o seu processo de separação da mãe, na medida em que ela vai percebendo, que não está totalmente plena e suprida pelo olhar da mãe , que se encontra dirigido para o Outro (o pai). A menina vive a possibilidade de perda da mãe, através do fenômeno de Partição Imaginária, isto é: sob o medo ou a angústia da perda da metade de si mesma.

Porém, na passagem pela crise edipiana, a menina se

sente ameaçada de sofrer uma nova partição (imaginária), ao descobrir o Outro (pai) como um elemento de ruptura de sua relação com a mãe. Ela se sente abandonada, isto é, perdida do olhar da mãe. Por esse motivo ela poderá considerar o pai como um rival, como aquele que a priva da relação dual com a mãe.

Neste momento, em que a menina ainda se encontra numa relação estreita com a mãe, ela pode tentar ser o falo para a mãe, passando por uma identificação ao sexo masculino. Ela se identifica ao pai, tentando tomar o seu lugar junto à mãe. Desta forma ela estaria correndo o risco de introjetar o falo paterno.

Segundo Lemoine, por uma identificação ao sexo masculino (ao pai), a menina vive a Castração Imaginária. Isto é: ela vivencia a ausência de pênis em seu próprio corpo, como sinal de uma falta, que representaria a perda da mãe. Conseqüentemente a menina passa da vivência da perda imaginária de uma parte dela mesma, (Partição Imaginária), à vivência imaginária da perda de um órgão sexual viril (Castração Imaginária).

Podemos caracterizar esta etapa do seu desenvolvimento sexual referenciando-a ao narcisismo, ao estágio do espelho, ao nível imaginário, uma vez que a menina ainda não conseguiu delimitar sua própria subjetividade, confundindo-se com a mãe. Porém, pela identificação ao sexo masculino, através da Castração Imaginária, a menina tem a possibilidade de começar a simbolizar, na perda imaginária do pênis, to

das as perdas que derivam dos fenômenos de partição. E todo esse processo lhe daria acesso posterior à vivência da Castração Simbólica.

É importante ressaltar a importância que o pai desempenha neste processo. Ele se coloca como aquele que é capaz de intervir nesta relação dual da menina com a mãe, aquele que priva a menina do objeto do seu desejo, ao mesmo tempo que priva a mãe do seu objeto fálico. Desta forma, ele dá condições para que a filha procure outras formas de simbolizar suas perdas, através de sua palavra de interdição.

Segundo a autora, para que a palavra do pai tenha ressonância para a menina, é necessário que a mãe não se fixe na contemplação da filha, como na contemplação de sua própria imagem. Porque, num primeiro momento, é através da figura materna e por indicação da mesma que a menina poderá descobrir o Outro (pai). A mãe terá, então, que responder como ser desejante e pois castrado, demonstrando o seu desejo pelo outro. Conseqüentemente, será a partir dessas atitudes da mãe que a menina poderá se desligar dela e se encaminhar à procura do pai. Como já explicamos, a procura da figura paterna será feita, inicialmente, como objeto de identificação. Secundariamente, após a Partição Simbólica, a menina procurará o pai como objeto de amor.

Como se processará a passagem da fase negativa do Complexo de Édipo à fase positiva, segundo Lemoine ?

A autora nos diz, que esse momento de passagem da mãe para o pai, é doloroso para a menina. Ela percebe que

não pode ser o falo para a mãe ou o objeto do seu desejo e sente-se abandonada pelo olhar da mãe, ao descobrir que ele está dirigido para o pai. A menina, então, se sente abandonada pelo olhar dos pais que convergem. Ela mesma se sente perdida, como objeto de desejo da mãe. Como já explicamos anteriormente, a vivência da perda do olhar da mãe, dirigido ao pai, e, em última instância da própria mãe, é sentida pela menina com a angústia de perda da metade de si mesma (Partição Imaginária).

Como a menina simbolizará a perda da mãe dando continuidade do seu processo de maturação psicológica ?

Lemoine coloca:

"Um outro processo de simbolização, propriamente feminino, entra em cena aqui, necessariamente, no decurso do qual a mulher se toma, ela mesma, como objeto perdido, local da simbolização. Perder a metade de si mesma, com efeito é perder-se na sua unidade e conseqüentemente no seu ser. O símbolo da unidade perdida seria o corpo como todo, sem fissura. O que está em jogo aqui é a existência mesma. A experiência especular é para a criança feminina, um momento privilegiado de abertura ao jogo simbólico, quando a montagem não é, pelo contrário, catastrófica". (Lemoine, p. 84, 14)

A autora nos mostra que a menina passa por um processo de simbolização, no decurso do qual ela mesma se coloca como objeto perdido ao olhar da mãe, simbolizando, nela mesma, a falta, a perda da mãe. Dá entrada na ordem simbólica, na medida em que ela mesma passa a se colocar como "objeto faltante", isto é, como objeto perdido, simbolizando a falta da mãe, através de seu corpo como todo, que é oferecido

como o local da simbolização. Ao se colocar como separada da mãe, no lugar de objeto perdido, a menina simbolizará, através de seu corpo como todo, as perdas que derivam dos fenômenos de partição. Desta forma ela dá entrada no jogo onde se instalará a articulação simbólica, isto é, naquilo que a autora denomina de "FORT-DA invertido". Gostaríamos de esclarecer que, este momento em que a menina se coloca no lugar de objeto perdido, dando entrada no "FORT-DA invertido" é considerado como um momento estrutural (do "FORT-DA") do processo de simbolização da menina, porque ela simboliza nela mesma, através do seu corpo como todo, a falta, a ausência da mãe.

Verificamos que Lemoine faz referências ao jogo simbólico "FORT-DA" \* que foi introduzido por Freud em sua obra: "Mais Além do Princípio do Prazer", caracterizando-o no sexo feminino de forma invertida. A autora nos relata que a menina, ao se colocar como separada da mãe, no lugar de objeto perdido ao olhar da mesma, dá entrada no "FORT-DA inverti

---

\* "Freud se refere ao jogo predileto de um menino que tinha um carretel de madeira amarrado a um cordãozinho. Tendo a corda segura, lançava o carretel em cima de um suporte de seu berço forrado de tela. Dizia então um "o-o-o-o" prolongado, que não foi difícil interpretar como uma representação do "FORT" alemão (que significa "fora, longe"). Logo trazia novamente o carretel a seu campo visual e saudava sua reaparição com um alegre "da" (aqui). Convém saber que a mãe do menino, ocupada na parte de fora da casa, costumava deixar o menino sozinho várias horas". (LEMAIRE, A. p. 98, 13).

Como interpreta Anika Lemaire:

"No primeiro ato de simbolização, o menino subtrai a urgência de um acontecimento - o desaparecimento e o reaparecimento da mãe - substituindo-o por um símbolo - o aparecimento e o desaparecimento do carretel".

(Lemaire, p.99, 13)

do". Através de seu corpo como todo, como o local da simbolização, faz este jogo simbólico invertido, desaparecendo ao olhar da mãe.

A autora acrescenta, no entanto, que colocar-se como objeto perdido do olhar da mãe, isto é, colocar-se como separada da mãe, fazendo este jogo simbólico invertido, é uma tarefa difícil para a menina. Ela recusaria inicialmente a idéia de ter que sofrer uma nova partição, por já sentir-se partida e abalada pelos fenômenos anteriores de Partição Imaginária. E por esse motivo, isto é, com a finalidade de evitar uma nova partição (imaginária), a menina coloca-se como objeto perdido ao olhar da mãe, mas ao mesmo tempo, como um "compromisso" ela se refugia no espelho, identificando-se com a sua própria imagem especular. Desta forma, ela poderá salvar-se como "inteira", pois em seu corpo não falta nada, na medida em que ela está identificada com a sua imagem projetada no espelho. Podemos dizer que ela se salva como "inteira" (na imagem), embora perdida ao olhar da mãe e, posteriormente, do pai.

Segundo Lemoine, neste momento, ocorre uma regressão ao imaginário, ao dual, à fase do espelho, e a menina se identifica com a sua imagem corporal projetada no espelho, que é representada pelo seu corpo como todo sem fissura. Assim a menina estaria tentando evitar a perda da mãe e dos sentimentos de completude e plenitude narcísicas que caracterizam a sua relação dual com a mãe, no período anterior. Assim sendo, a menina brincar<sup>á</sup> frente ao espelho, com a sua própria imagem, "se dando a ver", "se vendo" e "sendo vis-

ta".

Podemos dizer que, para defender-se da sensação de perda decorrente dos fenômenos de partição, a menina se representará através do seu corpo como todo, enquanto objeto perdido (como anteriormente a mãe), no "FORT-DA invertido". Ela passa, então, por uma identificação à figura materna, representando-se na imagem da mãe que é vista por ela como uma "mãe fálica" ou "completa imaginariamente" (isto é: plena do olhar do Outro). A menina se sentirá completa imaginariamente e, desta forma, ela fará o "FORT-DA invertido", se bastando na contemplação de sua imagem no espelho. Podemos dizer que, através do processo de identificação à figura materna, a menina poderá separar-se simbolicamente da mãe.

Como diz Lemoine:

"Ela se confunde assim com essa figura plena e sem fissura... Agindo assim, ela substitui sua própria pessoa à pessoa da mãe, que constitui o lugar do "FORT-DA", figurada pelo seu corpo na imagem especular, imagem que o olhar da mãe faz aparecer, que ele "causa", é um "FORT-DA" invertido, e é todo o corpo que passa a constituir o lugar da simbolização, com todos os riscos de fragmentação e de paralisias histéricas, que se seguem". (Lemoine, p. 86, 14)

Porém, Lemoine nos relata ao mesmo tempo, que essa montagem especular, quer dizer: que essa regressão da menina à fase do espelho, lhe propiciará uma abertura à ordem simbólica. Pois, através dos jogos que a menina faz com ela mesma frente ao espelho, de: "se ver", "se dar a ver", "ser vista", e que a menina fez com a mãe, ao se colocar como objeto per-

dido, ela atrairá o olhar do Outro. A menina através de suas brincadeiras diante do espelho chamará a atenção do olhar do pai.

Vejamos como a autora descreve esse processo, para que possamos explicá-lo de uma forma mais detalhada:

"Mas se oferecendo assim ao olhar, se dando a ver, seguindo a seqüência: ver, se ver, se dar a ver, ser vista, a menina - além do risco de cair na alienação completa da histérica - provoca o Outro a um encontro e uma resposta que lhe dão prazer. Toda pulsão parcial é invocadora, observa Lacan. Talvez falemos aqui da mesma coisa quando nós escrevemos provocação. Invocação ou provocação em direção ao olhar do Outro só podem intervir se o olhar da Mesma, o olhar da Mãe - preenchedor - falta à criança, naquilo que este olhar, o Outro precisamente, ocupa. É neste jogo que se instala a articulação simbólica". (Lemoine, p. 85, 14)

Como vimos, a autora nos mostra como de forma paradoxal, a regressão da menina à fase do espelho, poderá lhe proporcionar uma abertura do simbólico. E, através dos jogos especulares de: se ver, se dar a ver e ser vista, a menina provocará o Outro (pai) a um encontro e uma resposta que lhe dão prazer. Desta forma, a menina, por indicação do olhar da mãe (que faz falta à criança por estar dirigido ao outro), descobrirá o Outro (pai) como o terceiro elemento desta relação. A menina descobrirá o pai, inicialmente, como alguém que poderá olhá-la e para quem ela dirigirá o seu olhar. E, nesse momento, é ao pai que ela se dirigirá, tomando-o como objeto de amor, caracterizando, desta forma, a sua entrada na fase positiva do Complexo de Édipo.

Nesse sentido, podemos dizer que a autora compara o

Complexo de Édipo a um jogo "da presença e da ausência", da falta, da carência de ser e da necessidade de supri-la. Inicialmente, existe a carência da mãe e a decorrente necessidade da menina simbolizá-la. A perda da mãe significa uma falta fundamental, para a menina, pelo reconhecimento de que o seu primeiro objeto de amor é distinto dela mesma, ficando fora do seu alcance.

Trata-se, então, de explicar: que papel desempenhou o pai, nesse processo?

Como diz Lemoine:

"Se o Outro da Mãe, ao contrário, desempenha o papel de interruptor, a menina perde sua imagem de logro, mas recupera o seu desejo; e é o Outro da Mãe que passa a ser o objeto de seu desejo. É ao Pai que ela se dá então a ver". (Lemoine, p. 87, 14)

Verificamos que, para a autora, o pai se coloca como o agente de ruptura entre a menina e sua mãe, porque como terceiro elemento dessa relação, ele atrai o olhar da mãe. Ele é aquele que tem o falo. E, por indicação da mãe, a menina irá procurá-lo como objeto de amor, tentando ser o falo para ele (o significante do seu desejo). Lemoine coloca que a mudança para o pai significa uma abertura ao simbólico, porque, dessa forma, a menina sairá da relação dual e alienante com a mãe, descobrindo o seu desejo pelo pai.

O pai se coloca como interditor do incesto, ao impedir a relação dual: menina-mãe, desencadeando na menina uma sensação de falta, de vazio que fará com que ela procu-

re novas formas de simbolizar a perda da mãe. Ele articula a morte do dual, introduzindo, através de sua palavra, uma lei de interdição que, em última instância, representa a ordem social e simbólica. Inicialmente, a menina simbolizará a falta da mãe, por uma identificação à mesma (ao objeto perdido), se refugiando no espelho. É nesse sentido que se instalará o jogo ("FORT-DA invertido"), que representa uma abertura à articulação simbólica. O jogo da presença e da ausência que a menina faz frente ao espelho, chamando, posteriormente, a atenção do olhar do pai.

Lemoine introduz o conceito de Partição Simbólica, se referindo a esse momento de passagem da menina do imaginário ao simbólico, no qual ela se desligará da relação alienante com a mãe, por intermédio do "FORT-DA invertido".

Verificamos que, segundo Lemoine, no momento do Complexo de Édipo, a menina, ao se sentir abandonada pela mãe, se defenderia do medo de sofrer uma nova partição, através de uma identificação ao objeto perdido (mãe), que é vivido por ela imaginariamente como pleno do Outro. Desta forma, ela simboliza através de seu corpo como todo as perdas que são derivadas dos fenômenos de partição. Pelo processo de identificação à mãe, a menina dá entrada no "FORT-DA invertido", e, através dos jogos de: se dar a ver, e de se perder, finalmente a menina provocará o pai, que será tomado por ela como objeto de amor.

Podemos definir a Partição Simbólica como o momento em que a menina, com medo de sofrer uma nova partição(ima

ginária) se representa através de seu corpo como todo, como a falta, se oferecendo, portanto, como o local da simbolização ("FORT-DA invertido"). Em seguida, por uma identificação ao objeto perdido (mãe), e por indicação da mesma, a menina descobrirá o pai como objeto do seu desejo, salvando-se da alienação narcísica. Desta forma, ela está simbolicamente separada da mãe.

Como podemos caracterizar a relação da menina com o pai, segundo Lemoine ?

A autora relata que a passagem da mãe para o pai, é um momento importante no desenvolvimento psicosexual da menina, pois lhe permitirá encontrar o seu estatuto de sujeito. Ela passa de uma relação dual à uma relação triangular, do imaginário ao simbólico. E, na medida em que ela se oferece como objeto ao olhar do Outro (do pai), pelo jogos no espelho, ela provocará uma resposta do Outro, evitando a identificação alienante. Como diz Lemoine, é através da incursão no campo do Outro, por provocação, que a menina descobre o seu desejo, salvando-se da alienação. A partir desse momento, ela passará sempre a se dar a ver, em vez de se perder no espelho, na imagem e na identificação alienante.

Podemos dizer, que é através dos jogos de se ver, se dar a ver e ser vista, que a menina chama a atenção do pai, descobrindo-o como alguém que poderá olhá-la. E desta forma, ela efetua a troca objetal, ao tomar o pai como objeto de amor, dando entrada na fase positiva do Complexo de Édipo. Ao perceber o interesse do pai por ela, a menina poderá proseguir nos seus jogos de sedução com relação a ele, na sua

tentativa de ser o objeto do seu desejo (o desejo do desejo do pai).

Entretanto, como diz Lemoine, nesse momento, a menina estaria correndo um outro risco, o de ficar totalmente imersa no desejo do Outro (do pai), e desta forma, entrando numa nova espécie de alienação. Isso ocorreria, enquanto ele não tivesse descoberto o seu próprio desejo.

Vejamos como Lemoine descreve esse processo:

"É que ela está totalmente imersa no desejo do Outro, enquanto não tenha descoberto o seu próprio desejo. E não existe outro meio dela descobrir seu desejo, senão passando pelo desejo do Outro. É provavelmente aquilo que se vem chamando: sua passividade. Passividade que a intima a conhecer o pênis, ainda que ela não confesse que é isso que ela procura, porque efetivamente ela não o sabe. Ela continua a negar a sua pulsão genital e, às vezes, o seu prazer". (Lemoine, p. 89, 14)

Verificamos que Lemoine tenta mostrar ser a crise edipiana um momento representativo na vida da mulher, um momento de passagem ao simbólico, através do qual a mulher caminhará para a descoberta do seu desejo sexual. A autora acrescenta, que não haveria outro meio da mulher descobrir o seu próprio desejo, senão passando pelo desejo do Outro. É o que Lemoine denomina de passividade feminina. A passividade é relatada por ela como uma característica da sexualidade da mulher, que a levará a conhecer o pênis. E, através do ato sexual, a descobrir a vagina como sede do seu desejo sexual. Desta forma, a mulher descobre o seu próprio desejo.

Entretando, simultaneamente, Lemoine nos mostra que

a passividade também significa um risco para a mulher. Pois, enquanto ela não tiver descoberto o seu próprio desejo sexual, ela estará sujeita a permanecer totalmente imersa no desejo do Outro, numa espécie de alienação. Poderia, chegar a negar o seu prazer e sua pulsão genital. Para Lemoine, nesse momento, a menina precisaria ser salva pela palavra do pai, por sua palavra de interdição.

Como poderemos definir o papel do pai diante do Complexo de Édipo ?

A autora coloca que:

"A tarefa deste pai é responder enquanto homem desejante e logo castrado e não como Pai-Mãe todo poderoso, vendo-se ele também na sua criatura". (Lemoine, p. 87, 14)

Verificamos que, segundo as colocações de Lemoine, o papel do pai diante do conflito edipiano que se desenvolve na filha, é o de responder como ser desejante e logo castrado, não se fixando na contemplação da filha como na de sua própria imagem. Lemoine, retoma a idéia, já postulada por Lacan, de que o pai desempenha o papel de interditor ao incesto, na relação edipiana. Primeiramente, o pai se coloca na função de interditor da relação dual (mãe-filha), por ser o outro da mãe, o terceiro elemento da relação edipiana, elemento de ruptura da alienação dual. Posteriormente, ele se colocará na função de interditor na relação (pai-filha), e através de sua palavra de interdição a menina poderá dar entrada na ordem sócio-cultural e simbólica.

Podemos dizer, que a palavra do pai é um fator im-

portante no desligamento progressivo da menina do Complexo de Édipo e na sua procura de novos objetos de amor. Será através da lei de interdição do incesto e da palavra do pai, que a menina poderá começar a assimilar o sentido da Castração Simbólica, desligando-se do Complexo de Édipo. O sentido fundamental da Castração Simbólica só poderá ser traduzido através da noção de falo como o significante do desejo do Outro. Este sentido começa a ser apreendido pela menina, quando ela descobre que não pode ser o significante do desejo dos pais. Ela, então, descobre que o lugar do falo é um lugar vazio, e que o objeto primordial encontra-se radicalmente perdido para ela. Isso a levará ao encontro da falta fundamental que a remeterá ao desejo e à demanda. Desta forma, a menina terá um lugar marcado na constelação familiar, como "uma", como diferente, como filha. Podemos dizer que esse lugar só ganha significado quando referenciado aos outros membros da família. Desta forma, a menina delimitará a sua individualidade, abrindo-se para as aquisições de ordem sócio-cultural e simbólica, transferindo o seu desejo para outros objetos de amor.

Porém, verificamos que Lemoine tematiza o problema da Castração Simbólica de uma forma mais profunda, ao dizer que ela só poderá ser assumida de forma completa, na vida adulta da mulher, no momento do ato sexual. Pois, o termo castração sempre implica numa falta, que levará ao desejo e à demanda. E essa falta deverá ser situada no próprio corpo da mulher.

Como vimos, Lemoine relata que essa falta começa a

ser vivida pela menina no momento do Complexo de Édipo, quando ela se sente negada e abandonada pelos pais. Porém, a questão levantada por Lemoine sobre a castração feminina, reside em explicar em que lugar do seu corpo a mulher simbolizará essa falta fundamental, que permita a expressão do desejo sexual em uma demanda. Para Lemoine, só desta forma, poderíamos falar em Castração Simbólica feminina. Como diz a autora, no corpo da mulher não falta nenhum órgão sexual e ela não pode estar ameaçada de castração, como ocorre para o sexo masculino. Lemoine se questiona sobre a efetivação da Castração Simbólica na mulher, já que ela não está ameaçada da perda real de um objeto imaginário (falo), de forma oposta ao sexo masculino.

Por outro lado, a autora relata paralelamente que a menina vive muito mais sob a angústia de partição do que sob a angústia de castração. Introduce os fenômenos de Partição (Imaginária e Simbólica) como característicos da sexualidade feminina. A autora, então, levanta o seguinte problema: como a menina passará da Partição à Castração Simbólica ?

Faremos uma breve retrospectiva evolutiva do processo de passagem da menina da Castração Imaginária à Castração Simbólica, na medida em que isto poderá nos levar a uma melhor compreensão do sentido da castração vivenciada pela mulher, segundo a posição de Lemoine.

Verificamos que a autora relata que a menina terá acesso à Castração Simbólica por um processo progressivo de identificação.

Primeiramente, por uma identificação ao sexo masculino e por um processo de contaminação com a castração, a menina passa do medo da perda da metade de si mesma (Partição Imaginária) à perda imaginária de um órgão sexual viril (Castração Imaginária). Desta forma, a menina simboliza, na ausência do pênis em seu próprio corpo, todas as perdas que lhe impõem os fenômenos de partição.

Secundariamente, através da Partição Simbólica, por um processo progressivo de identificação ao objeto perdido (mãe), a menina simboliza a falta da mãe, nela mesma ("FORTDA invertido"). Negada pela mãe, a menina regride ao narcisismo e privilegia a relação especular e, através dos jogos de se ver e se dar a ver, chamará a atenção do pai que será tomado como seu objeto de amor. A troca objetal é possível pelo fato do pai já ter sido indicado à menina anteriormente pela mãe, como aquele que tem o falo.

Verificamos que, através da Partição Simbólica por uma identificação ao objeto perdido (mãe), através dos jogos de se ver e dar a ver, a menina se oferece, através de seu corpo como todo, à simbolização. Podemos dizer que a Partição Simbólica preparará a menina para assumir, posteriormente, a Castração Simbólica.

Como a menina passará da Partição Simbólica à Castração Simbólica ?

Sabemos que a Castração Simbólica é a via proposta de resolução do Complexo de Édipo para Lacan e para Lemoine. E que o sentido da Castração Simbólica começa a ser assimila

do pela menina, no momento do Complexo de Édipo, quando ela percebe que ela está privada de ser o falo para os pais, através da lei de interdição ao incesto. Porém, a autora enfatiza que a Castração Simbólica só será efetivada na mulher, quando essa falta fundamental (decorrente da percepção da menina de que ela não pode ser o falo para os pais) for simbolizada e assumida no próprio corpo feminino, em seu órgão sexual (na vagina).

Como a Castração Simbólica será efetivada na mulher?

Vejamos as citações da autora:

"A separação, é verdade, afeta o corpo da mulher, mas se simboliza num órgão estranho: o pênis; e, secundariamente, na vagina, como receptáculo do pênis e possivelmente símbolo de sua falta. O que a mulher simboliza em seu próprio corpo, é pois, secundariamente a falta daquilo cuja presença, no entanto, não havia sido colocada para ela". (Lemoine, p. 72, 14)

Como vimos, essa falta fundamental de que fala Lemoine tem que ser simbolizada no próprio corpo da mulher para que se possa falar de Castração Simbólica. Verificamos que, inicialmente, ela foi simbolizada no pênis e depois no corpo da menina como todo, através da Partição Simbólica. Porém, para que a Castração Simbólica se efetive realmente na mulher, essa falta terá que ser simbolizada na vagina (descoberta pelo ato sexual) e, desta forma, a mulher descobrirá sua sexualidade genital adulta. Isto é: poderá articular o desejo sexual numa demanda.

Segundo Lemoine é primeiramente no pênis que a meni

na simboliza a falta que lhe impõem os fenômenos de partição. O pênis é considerado por ela, como o substituto do "outro imaginário" que fora perdido pelos fenômenos de partição. Só secundariamente ela simbolizará na vagina (descoberta através do ato sexual) a falta daquilo que ela não possuiu a presença (do pênis) e de todas as suas faltas que são derivadas dos fenômenos de partição. Vive, desta forma, a Castração Simbólica.

Lemoine explica este momento da mulher através das seguintes colocações:

"Só que este novo outro\* se move por seu próprio movimento, manifestando assim a presença de um outro sujeito, e constitui desde então, um objeto de amor no real. A descrição do gozo vaginal feminino feita por Michèle Montrelay, ilustra perfeitamente este momento de revelação. Daqui em diante, a mulher simboliza a perda imaginária de uma parte dela mesma, através do órgão fático, por excelência, o pênis. É a Castração Simbólica feminina". (Lemoine, p.72, 14)

A Castração Simbólica é considerada por Lacan e por Lemoine, como o sinal da resolução do Complexo de Édipo para ambos os sexos. Tanto a mulher como o homem, só poderão se colocar como seres desejantes, após terem assumido a Castração Simbólica.

Verificamos que, no sexo feminino, a Castração Simbólica será efetivada quando a mulher puder simbolizar na vagina, pela detumescência e na retirada do pênis (através do

---

\* Outro: equivalente ao órgão sexual masculino (pênis).

ato sexual), todas as perdas que são derivadas dos fenômenos de partição. A vagina passa, então, a simbolizar a falta. Desta forma a mulher poderá assumir o seu desejo sexual em seu próprio corpo, na vagina, isto é, a sua sexualidade madura. Ela simbolizará a perda imaginária de uma parte dela mesma, através do órgão fático, por excelência, o pênis, tendo a vagina como o símbolo de sua falta descoberta no ato sexual. Ela pode então viver a Castração Simbólica. O gozo vaginal feminino descreve e representa este momento em que a Castração Simbólica é assumida pela mulher, possibilitando o alcance da sua feminilidade. Momento em que a mulher passará a assumir o seu desejo sexual expressado numa demanda.

Lemoine acrescenta que a mulher só poderá atingir o gozo genital e desligar-se efetivamente do Complexo de Édipo quando:

"Este momento advem quando ela admite que só goza de um significante - como tal, representando um sujeito por outro significante que o representa - Porque a mulher goza disto: da revelação mesma do Outro como significante. Ela goza do falo ( e não somente do pênis) - como do "um" que é colocado no lugar deste outro real que não pode ser apreendido. E este "um" que a situa ela própria, como sujeito barrado, lhe dá assim acesso à Castração Simbólica (que a Partição Simbólica havia possibilitado, uma vez que ela aí já está colocada como separada)" (Lemoine, p. 91, 14 )

Desta forma, verificamos existir todo um simbolismo inerente ao conceito de castração, que não poderia se restringir ao dado concreto, porque, em última instância, a própria noção de falo não se aplica a um dado concreto. Falo

significa antes de tudo: diferença (entre ela e o outro) , falta fundamental (do objeto primordial perdido), identidade impossível (de encontro com o objeto primordial perdido) e conseqüentemente falo é um significante que representa o desejo inconsciente do outro.

Nesse sentido, Lemoine coloca que a mulher só poderá viver a Castração Simbólica atingindo a forma madura de sua sexualidade, quando ela se colocar como separada, como "uma", admitindo a noção de falo como o significante do desejo do outro. Ela admitirá que ela não goza apenas do pênis , mas do falo, que está representando o desejo inconsciente do outro. É necessário que ela possa encarar este outro, como "um", como diferente dela mesma e também portador de um desejo que é o representante do seu desejo. Assim ela admitirá que o seu desejo está sempre referenciado ao desejo inconsciente do outro, quer dizer: é o desejo do desejo do outro . A mulher só poderá assumir a sua maturidade sexual, quando ela puder assumir a falta, nela mesma, simbolizada na vagina, através do desejo sexual que então será articulado numa demanda. Porém, ela só poderá descobrir o seu desejo sexual, através do ato sexual e na relação com o outro (como significante). Isto é, na relação com o desejo do desejo do outro , desejo inconsciente que representará o seu próprio desejo . Desta forma, ela se colocará como mulher, desejante, assumindo a forma madura de sua sexualidade, sua feminilidade.

## 4 - CONCLUSÃO

Chegamos ao final do nosso trabalho e de nossos questionamentos sobre o Complexo de Édipo feminino. O que concluímos?

Dedicamos a primeira parte deste trabalho para fazer um levantamento teórico da abordagem de Freud sobre o desenvolvimento e sobre a resolução do Complexo de Édipo na mulher, por ter sido Freud, o primeiro autor, a introduzir uma teoria sobre o assunto. Verificamos, no entanto, que Freud centrou suas primeiras investigações sobre a sexualidade infantil e sobre o Complexo de Édipo, no sexo masculino, tentando, por algum tempo, utilizar os seus conhecimentos sobre a sexualidade masculina como um modelo para o estudo da sexualidade feminina. Tendo analisado a evolução do pensamento do autor, tivemos a impressão que, em dado momento de sua obra, Freud simplesmente estendeu os seus conhecimentos sobre Complexo de Édipo masculino ao Complexo de Édipo feminino, por então pensar que, na menina, o processo se desenvolveria de forma análoga. Porém, posteriormente, Freud vai introduzindo novas informações sobre o assunto, constatando que a sexualidade feminina se desenvolveria de forma peculiar e distinta do sexo masculino, começando a formular uma teoria sobre o Complexo de Édipo feminino.

Em relação ao sexo masculino, constatamos que o autor formulou uma teoria mais precisa e consistente, tanto em relação ao aspecto do desenvolvimento do Complexo de Édipo, quanto em relação à sua dissolução, propondo que o menino resolve

ria o Complexo de Édipo através da ameaça de castração.

De forma oposta, verificamos que a teoria formulada por Freud sobre o desenvolvimento do Complexo de Édipo no sexo feminino, não se mostrou tão clara e precisa como para o sexo masculino, especialmente quanto ao aspecto de sua dissolução. O autor levanta algumas questões que não consegue responder, mostrando-se inclusive insatisfeito em relação aos seus conhecimentos sobre esses processos evolutivos na mulher. Foram tais imprecisões do pensamento do autor que nos estimularam a fazer um estudo complementar sobre o assunto, segundo a ótica lacaniana, onde tentamos aprofundar algumas questões deixadas em aberto por Freud, através da apresentação do pensamento de E. Lemoine.

Focalizaremos, agora, de forma sumária e conclusiva algumas das principais questões que foram deixadas em aberto por Freud e levantadas por nós na primeira parte deste trabalho, demonstrando como foram elucidadas e respondidas por Lemoine. Gostaríamos de deixar claro, que a nossa pretensão com este estudo teórico sobre o Complexo de Édipo feminino, não foi a de tentar resolver ou esgotar todas as questões referentes a um assunto de tamanha complexidade e abrangência. Verificamos conseqüentemente, que algumas questões ainda continuarão em aberto, por não terem sido especialmente estudadas e aprofundadas por estes autores e, outras, por terem fugido ao âmbito de nossas pretensões, de nosso limite de estudo e pesquisa nesta dissertação. Desta forma, tais questionamentos poderão constituir-se no objeto de estudo e de pesquisa de trabalhos posteriores.

Tentaremos resumir nossas principais perguntas sobre o desenvolvimento do Complexo de Édipo feminino, referentes à apresentação de Freud sobre a fase fálica.

Como já dissemos, Freud centrou suas primeiras investigações sobre a sexualidade infantil no sexo masculino. Verificamos, no entanto, que em seu artigo "Algumas Conseqüências Psíquicas da Diferença Anatômica entre os Sexos", 1925, o autor faz distinções nítidas sobre o desenvolvimento sexual para ambos os sexos, começando a caracterizar aspectos específicos da sexualidade feminina. Freud mostrou que a tomada de consciência pela criança da diferença anatômica entre os sexos, deveria ser considerada como um momento importante em seu desenvolvimento, na medida em que conseqüências psicológicas distintas poderiam ser inferidas e vivenciadas por cada um dos sexos especificamente e que são descritas pelo autor em sua abordagem sobre a fase fálica.

Freud caracteriza a fase fálica através da hipótese de que ambos os sexos possuem o mesmo aparelho genital (o masculino), pois segundo este autor, nesta fase a criança só admite a existência de um órgão genital (o masculino) para ambos os sexos. A vagina é, portanto, desconhecida. Porém, o autor acrescenta que, nesta fase não existe a primazia do órgão genital e sim uma primazia do falo.

Em relação a essa caracterização feita por Freud sobre a fase fálica, verificamos que o autor apesar de ter colocado que esta é uma fase da primazia do falo e não do órgão genital, o autor postula simultaneamente a hipótese de um "mo

nismo sexual", utilizando o termo falo na maioria das vezes como equivalente de pênis. Assim sendo, o autor não explicita se o seu enfoque sobre a primazia do falo distingue-se realmente da hipótese de um monismo sexual, ficando portanto pouco claro se o termo falo é concebido por ele, como um símbolo ou simplesmente como um sinônimo de pênis. Constatamos, então, que na abordagem de Freud sobre a fase fálica, não existe uma distinção nítida e clara do emprego do termo pênis (como órgão) e falo (como símbolo), o que deixará o autor sujeito a críticas de estar enfatizando aspectos exclusivamente biológicos em suas explicações sobre esta fase, em detrimento do plano simbólico (enfoque do falo), assim como de estar frisando os aspectos masculinos da sexualidade, em detrimento dos femininos.

Tentaremos resumir de uma maneira objetiva, como Freud caracteriza a fase fálica na menina. Em relação ao sexo feminino, o autor relata que a descoberta do órgão genital masculino (pênis) pela menina, faria com que ela reconhecesse a ausência do mesmo em seu próprio corpo, o que desencadearia o complexo de castração. Julgaria que o pênis é análogo ao clitoris, achando o seu órgão pequeno. Como decorrência disto, ela viveria a inveja do pênis, que culminaria no desejo, muito importante por suas conseqüências, de ser um menino. O autor acrescenta que tal descoberta desencadearia também na menina, um sentimento de inferioridade. Nesse sentido, ela viveria o desejo de ter um pênis e de ser um menino.

Freud relata que também o menino faria julgamentos pessoais em relação a sua visão da ausência de pênis na menina.

Encararia o clitóris como um pênis castrado e teria receio de sofrer uma mutilação análoga (ameaça de castração masculina).

Verificamos, inclusive, que Freud enfatiza o seu enfoque biológico da existência de um "monismo sexual", ao colocar o complexo de castração feminino como o fator primordial do desligamento da menina de sua mãe. Segundo esse autor, a descoberta da ausência de pênis, na mãe, pela menina, faria com que ela desvalorizasse o seu próprio sexo, como a própria mãe, culpando-a e reprovando-a por não ter lhe dado um órgão genital completo. Este seria o principal motivo que a impulsionaria à procura do pai.

Como vimos, nos parece que Freud pretendeu fazer uma distinção entre o campo biológico e o campo psicológico do desenvolvimento infantil, ao mostrar que ambos os sexos teriam vivências psicológicas próprias a partir da descoberta da diferença sexual. No entanto, verificamos que o autor afirma a existência de um "monismo sexual", ao colocar o órgão genital masculino como o único órgão conhecido e levado em conta pela criança, sendo a vagina desconhecida. Desta forma, achamos que Freud, em suas explicações sobre a fase fálica, e sobre as vivências psicológicas da criança diante da diferença sexual, reduz o campo de suas explicações ao nível biológico, na medida em que estas estão centradas em função da descoberta da existência do pênis e da ausência do pênis em seu próprio corpo, pela criança. E o autor não faz alguma menção mais explícita ao seu enfoque sobre o falo (quer dizer: aquilo que o pênis representaria simbolicamente). Freud inclusive chega

a colocar a antítese: posse do órgão genital masculino (visto como fâlico) X ausência do órgão genital masculino (visto como castrado). E nos questionamos: A mulher poderia se sentir castrada daquilo que ela não tem?

Constatamos assim que o autor não explicita claramente o seu enfoque sobre a primazia fâlica, utilizando, na maioria das vezes, os termos pênis e falo como sinônimos, o que, a nosso ver, proporciona ambigüidades conceituais na teoria freudiana, constituindo-se no ponto central de nossos questionamentos sobre sua abordagem do Complexo de Édipo feminino.

Verificamos, ainda, que Freud em seu artigo: "Organização Genital Infantil", relata que, no estágio seguinte ao da organização genital infantil, existe um masculino, mas não um feminino; a antítese é: órgão genital masculino (fâlico) X castrado. Encontramos a seguinte correlação: o masculino compreende: o sujeito, a atividade e a posse do pênis. De forma oposta o feminino compreende: o objeto e a passividade.

A partir dessa abordagem "biológica" do autor sobre a primazia fâlica, centrada na antítese: ter o pênis (fâlico) X não ter o pênis (castrado), sentimos uma certa dificuldade de chegar a uma noção mais específica sobre a feminilidade, na medida em que a vagina é desconhecida e o autor relata que o único órgão levado em conta pela criança é o masculino (que é invejado pela menina). E nos questionamos:

- Como a menina se colocaria, nesta fase, até a des-

coberta da vagina: como nada? Como não possuidora de um pênis? Ela mesma se sentiria ou se veria como castrada?

Através do estudo e do pensamento de Lemoine, encontramos uma nova visão, uma nova maneira de postular certas questões que foram deixadas em aberto por Freud. Podemos dizer que a autora não contradiz a teoria freudiana ou nega os aspectos biológicos levantados pelo autor com relação ao Complexo de Édipo feminino. Como discípula de Lacan, a autora recentra a teoria de Freud na noção de falo (como o significante do desejo do Outro) e desta forma ela valoriza o aspecto estrutural e simbólico da teoria do Complexo de Édipo feminino proposta por Freud. Além disto, Lemoine, a partir de vários estudos de casos clínicos com mulheres, também introduz aspectos teóricos novos e específicos sobre a sexualidade feminina, que respondem a certas questões deixadas em aberto pelo autor. Propõe que o desenvolvimento sexual da mulher ocorre através de momentos estruturais, que são descritos por ela através dos fenômenos da Partição e da Castração Imaginárias e da Partição e da Castração Simbólicas. E, através desses fenômenos, a autora explica o problema do Complexo de Édipo feminino, e da fase fálica, não apenas em seu aspecto biológico, mas principalmente levando em conta o aspecto estrutural da relação triangular. Para Lemoine, a crise edipiana consiste num momento de passagem da relação dual (mãe-filha) a uma relação triangular, pela entrada do Outro (pai) como um elemento de quebra e de ruptura desta relação dual. A autora descreve essa crise vivida pela menina de uma forma peculiar e distinta do sexo masculino.

Vejam os como a autora responde as questões levantadas por nós em relação à fase fálica feminina em Freud.

Lemoine introduz o fenômeno de Partição Imaginária,\* como o regime psíquico da vida sexual da mulher, e através deste conceito a autora responde a algumas questões levantadas por nós, sobre a noção de feminino, na teoria freudiana.

Verificamos que Lemoine define o imaginário feminino de forma específica e distinta do sexo masculino, ao dizer que a mulher está destinada a viver sob o signo do duplo e da partição. Comparativamente ao sexo masculino, a menina não teria o pênis para simbolizar a perda da mãe (ameaça de castração masculina) e conseqüentemente, de forma oposta ao menino, ela viveria inicialmente sob a angústia de partição. Como vimos no capítulo 3.1, a autora introduz o fenômeno de Partição Imaginária como o regime psíquico da vida da mulher, referindo-se a uma fase primitiva do desenvolvimento psicosssexual infantil, onde a menina estabelece uma relação de identificação alienante com a mãe. E como uma decorrência disto, a autora relata que qualquer possibilidade de perda é vivida pela menina e posteriormente pela mulher, sob o medo ou a angústia da perda da metade dela mesma, por relembrar-lhe a perda desta outra metade dela mesma: sua mãe, considerada como o seu duplo (Partição Imaginária).

---

(\*) Partição Imaginária: este conceito encontra-se detalhadamente explicitado por nós no capítulo 3.1 dessa dissertação.

A autora aponta uma série de fenômenos especificamente femininos (a gravidez, o parto, as regras) que contribuem também para a caracterização do imaginário feminino segundo uma linha de dupla e de partição. Para Lemoine, o imaginário feminino define-se numa linha de partição, em função também da gravidez e do parto. Para essa autora, a mãe que dá a luz a uma filha mulher, realizaria uma fantasia de desdobramento, como se a filha fosse uma parte dela mesma (seu duplo), o outro imaginário, destacado no parto (Partição Imaginária revivida na regressão gravídica). Esse fenômeno (Partição Imaginária) viria a constituir-se na base do imaginário feminino.

Podemos dizer que a Partição Imaginária seria primitivamente vivida pela menina na relação dual e alienante com a mãe. Constituído-se no regime psíquico do imaginário feminino, a partição seria revivida em outras situações da vida da mulher, especialmente nas situações de perda (perda da mãe, do pai, as regras, a gravidez e o parto ...), justamente por trazer à mulher a lembrança do recalcado: a perda da mãe.

A autora relata que inicialmente, a menina se sentirá completa imaginariamente em sua relação alienante com a mãe, dual e especular. Nada parecerá lhe faltar, e ela se sentirá plena e imaginariamente em suas fantasias de plenitude e completude narcísicas. Ela também se sentiria completa anatomicamente, nada parecendo faltar em seu corpo, e desta forma ela não poderia sentir a ausência do pênis em seu próprio corpo, como o sinal de uma falta, de uma perda, ou de uma castração. Ela se sentiria plena em sua relação dual com a mãe.

Porém, levando em conta o aspecto estrutural da relação edipiana, a autora coloca que, na medida em que a menina toma consciência da existência do Outro (pai) como um elemento de quebra dessa relação dual (por ser o pai a pessoa para quem a mãe dirige o seu olhar), ela então começaria a sentir-se ameaçada da perda da mãe. Nesse sentido, ela viveria inicialmente muito mais sob uma angústia de partição (perda da metade dela mesma) do que sob uma angústia de castração, por se sentir negada, abandonada pelo olhar da mãe que estaria dirigindo ao pai. Porém a autora relata que só a partir desse momento, em que a menina se sinta negada e abandonada pelo olhar da mãe, é que ela passará a viver a ausência do pênis em seu próprio corpo, como o sinal de uma falta, da perda das fantasias de completude e plenitude narcísicas do período anterior, representando em última instância a perda da mãe (Castração Imaginária).

Para que possamos entender o conceito de Castração Imaginária proposta por Lemoine e explicitado por nós no capítulo 3.1, é necessário que recorramos a noção de falo. A autora explica que nessa fase inicial, onde a menina estabelece uma relação dual com a mãe, ela desejaria ser o falo para a mãe, o objeto de seu desejo, ou seu complemento. Porém, na medida em que ela percebe que o objeto de desejo da mãe é o Outro (o pai), aquele que tem o falo, ela passaria por uma identificação do sexo masculino, isto é, especificamente à figura paterna, porque em última instância a menina desejaria ser o objeto de desejo da mãe, ser o falo para ela.

Verificamos que Lemoine não reduz o campo de suas explicações ao nível biológico, na oposição: órgão genital masculino (fálico) X castrado. Pelo contrário, enfatiza a noção de falo (como significante do desejo do Outro), ao elucidar que a menina se dirige ao pai, à procura do falo (e não necessariamente à procura do pênis), tomando-o como objeto de identificação. A autora relata, que aceitar o lugar de falo como um lugar vazio (como falta), isto é: sentir-se negada e abandonada pela mãe, é uma tarefa difícil para a menina. Conseqüentemente, a menina ficaria com medo de sofrer uma nova Partição Imaginária (vivida anteriormente na fase do espelho, como vimos no capítulo 3.1). Tendo o objetivo de atrair a mãe como objeto de amor, a menina se dirige ao pai (como objeto de identificação), por ser o outro da mãe, aquele que teria o falo, a potência, aquilo que completaria sua mãe.

Porém, como diz Lemoine, se a menina avista um pênis (fato em si contingente), ela poderá representar o pênis temporariamente como o signo do falo, vivendo então a inveja do pênis. Ela poderá desejar ter um pênis para se sentir detentora do falo, assim como o menino, tornando-se, ela mesma, fálica.

Por esse processo de identificação ao sexo masculino, a menina vivenciaria a ausência de pênis em seu corpo, como o sinal de uma falta, de sua incompletude, representando a perda da mãe. Viveria desta forma a Castração Imaginária feminina, isto é: a vivência da perda imaginária de um pênis imaginário, representando, em última instância, a perda da mãe. Nesse sentido, Lemoine relata que a menina poderia desenvolver

fantasias de perda (como por exemplo: dentes, cabelos, ... etc.), como o sinal de um pênis imaginariamente perdido.

Verificamos que Lemoine interpreta o sentido do Complexo de Castração feminino, introduzido por Freud, de forma peculiar e específica. A autora relata que, primeiramente, a menina conhece e vivencia a privação real\* do órgão genital masculino em seu próprio corpo. Acrescenta que, secundariamente, e por um processo de identificação do sexo masculino, ela viveria a Castração Imaginária. Neste sentido, a autora esclarece que a castração conforme é colocada por Freud, só poderia ser vivida pela menina a nível imaginário, através da perda imaginária de um pênis imaginário (Castração Imaginária). Como diz Freud e concorda Lemoine, a menina viveria a inveja do pênis. Mas como acrescenta a autora, desde que a menina não se fixe na perda real deste órgão (na inveja do pênis), ela poderá dar prosseguimento ao seu processo de simbolização e identificação sexual feminina.

Achamos que Lemoine dá uma visão mais abrangente do que Freud à fase fálica feminina, fase da primazia do falo, ao colocar que, neste momento, a menina poderá passar por uma identificação ao sexo masculino (ao pai), vivendo a inveja do pênis (fato em si contingente), tornando-se ela mesma fálica. Mas a autora coloca que a inveja do pênis não seria um fator suficiente para explicar ou caracterizar a fase fálica na menina. Lemoine traz à tona um dado já introduzido por Freud e

---

(\*) Privação real: conceito definido no glossário.

retomado por Lacan, de que, na fase fálica, a menina poderá passar por uma identificação ao pai (ao sexo masculino) e/ou à mãe fálica (que é vista pela menina imaginariamente como plena do olhar do Outro). Nesse sentido a autora ressalta que esta é uma fase da primazia do falo (e não especificamente do órgão genital masculino), mostrando inclusive que seria difícil para a menina chegar a uma noção diferenciada de feminino e de masculino, conforme ocorre para o adulto. Verificamos que, segundo Lemoine, na fase fálica, a menina poderá passar por uma identificação do sexo masculino, vivendo a inveja do pênis e tendo também o desejo de ter um pênis para se sentir detentora do falo, como o menino. Porém Lemoine relata que a menina ao passar por uma identificação à mãe fálica, passaria simultaneamente por uma regressão ao dual, ao imaginário, momento em que a menina se identificaria novamente com a sua imagem especular.\* E, desta forma, ela poderia se sentir plena, completa imaginariamente na imagem, embora se sinta perdida do olhar da mãe. E assim ela poderia se separar simbolicamente da mãe. Nesse sentido, Lemoine esclarece certos dados colocados por Freud de forma ambígua, ao dizer que, por um processo de identificação ao pai e/ou à mãe fálica (onde ocorre uma regressão a uma etapa narcísica do desenvolvimento), a menina estaria tentando evitar sofrer uma nova partição. Ela estaria antes de tudo, tentando defender-se dos sentimentos de perda que derivam dos fenômenos de Partição Imaginária.

---

(\*) Vide conceito de Partição Simbólica explicitado no capítulo 3.2 .

nária (a perda da mãe).

Para Lemoine, a menina se tornaria fálica e/ou narcísica, como uma forma de evitar a aceitação do sentimento de perda, em consequência da negação e do abandono da mãe. Ela não estaria, de forma específica, tentando apenas compensar a ausência de pênis em seu corpo. Ela estaria tentando evitar a falta, a aceitação da diferença sexual, a presença do Outro (pai) como um elemento de quebra da relação dual (mãe-filha) e conseqüentemente a Castração Simbólica.

Porém, como relata Lemoine, na fase fálica a menina passa por um processo de simbolização especificamente feminino (Partição Simbólica), que permitirá que ela se separe simbolicamente da mãe e se dirija à procura do pai. E através deste processo, a autora responde a algumas questões, também abordadas por Freud, que citamos abaixo:

- Qual é o fator de desligamento da relação dual :  
mãe-filha?
- O que impulsionaria a menina à procura do pai?
- O que a menina pedirá especificamente ao pai?
- Por que a menina fará do pai o seu objeto de amor,  
trocando o desejo do pênis pelo desejo do bebê?

Apesar de Freud ter levantado outros fatores como responsáveis pelo desligamento: menina-mãe, o autor relata ser o complexo de castração, o fator primordial do corte desta relação. Pois, com a descoberta da ausência do pênis em seu corpo, e no corpo da mãe, a menina passaria a desvalorizar o seu próprio sexo, culpando e reprovando a mãe por não ter lhe

dado um órgão genital completo. Para esse autor, a menina se dirige ao pai, à procura do pênis que lhe foi negado pela mãe (inveja do pênis). Ela, então, esperaria um pênis do pai como um dom. No entanto, verificamos que Freud não chega a especificar exatamente o que a menina desejaria e pediria especificamente ao pai. E nos questionamos:

- A menina desejaria ter um pênis pessoal?
- Ter um pênis à disposição?
- Desejaria ser um homem, para ter um pênis? Seria, então, o homem visto como apêndice do pênis?

Verificamos que, embora as colocações de Lemoine não sejam contraditórias às de Freud em relação a estas questões levantadas, elas são distintas e complementares à posição freudiana. Podemos dizer que, para essa autora, inicialmente, na fase onde a menina estabelece uma relação de identificação alienante com a mãe, dual e imaginária, nenhum órgão pareceria faltar em seu corpo e a menina se sentiria plena e completa realmente, isto é: inteira em seu corpo. Assim sendo, para Lemoine o Complexo de Castração, conforme é proposto por Freud, não se constitui no fator primordial do desligamento (menina-mãe). Para Lemoine o principal fator do desligamento da relação dual (mãe-filha) é a tomada de consciência progressiva pela menina de que o olhar da mãe não está fixado no seu, mas que ela o dirige para o Outro (para o pai). Neste momento, a menina se sentiria abandonada e negada pela mãe. E nos questionamos, exatamente, sobre o que a menina pediria ao pai.

Para Lemoine, no momento em que a menina se sente abandonada pelo olhar da mãe, ela mesma se questionaria sobre o que teria o pai, como um outro diferente dela mesma, que o tornaria capaz de satisfazer sua mãe. Nesse sentido a autora esclarece que a menina está à procura do falo (daquilo que completa sua mãe) e não exatamente à procura do pênis. Mas, como diz Lemoine, se a menina avista um pênis (fato em si contingente), ela poderá viver a inveja do pênis e o desejo de ter um pênis. E nos questionamos: ela desejaria ter um pênis pessoal? Um pênis à disposição?

Embora Lemoine não responda especificamente a estas questões, a autora acrescenta que a menina desejaria ter um pênis (pessoal ou à disposição) por pensar que, por intermédio do mesmo, ela conseguiria ser detentora do falo. Desta forma, representaria o pênis, temporariamente, como o signo do falo.

Podemos constatar que ambos os autores concordam, ao dizer que a menina viveria a inveja do pênis, que é relatado por Lemoine através do fenômeno da Castração Imaginária.\* Porém, para Lemoine, não seria apenas o complexo de castração ou a inveja do pênis que impulsionaria a menina à procura do pai. Verificamos que nesse movimento a menina poderá buscar o pai inicialmente, como objeto de identificação, por ser aquele que tem o falo, aquilo que completa sua mãe. Ela dese

---

(\*) Castração Imaginária: conceito explicitado no capítulo 3.1.

jaria ser detentora do falo para "conquistar" sua mãe (Édipo Negativo). Mas, como acrescenta a autora, nesse movimento, a menina também poderá passar por uma identificação à mãe (vista, pela menina, imaginariamente como plena do olhar do Outro), através da qual ela descobriria o pai como alguém que poderia olhá-la, efetivando a troca objetal (Édipo Positivo).

Para explicar a troca objetal, Lemoine introduz o fenômeno da Partição Simbólica, como o momento estrutural através do qual a menina se separa simbolicamente da mãe, descobrindo o pai como objeto de desejo. Como já colocamos, separar-se da mãe é uma tarefa difícil para a menina, porque ela teria medo de sofrer uma nova partição. Porém, na medida em que a menina percebe que o olhar da mãe se dirige para o Outro (o pai), segundo Lemoine, um outro processo de simbolização entra em cena, no decurso do qual, a menina, ela mesma se coloca como objeto perdido do olhar da mãe, através do seu corpo como todo, como o local da simbolização. A menina ao se colocar como objeto perdido do olhar da mãe, representa a falta, a ausência, a perda da mãe, nela mesma, oferecendo o seu corpo como todo à simbolização ("Fort - Da invertido").\* Nisto se traduz o fenômeno da Partição Simbólica, através do qual a menina se separa simbolicamente da mãe.

Como diz Lemoine, colocar-se como objeto perdido ao olhar da mãe, é uma tarefa difícil para a menina, pelo medo

---

(\*) "Fort - Da invertido": conceito explicitado no capítulo 3.2 .

que ela tem de sofrer uma nova partição. Para tal, como um compromisso, a menina, paralelamente, regridiria ao espelho (a uma etapa narcísica do desenvolvimento), identificando-se com a sua própria imagem corporal projetada. E, como plena, sem fissura (na imagem), sem perdas, ela poderia se colocar como objeto perdido. A menina estaria, então, perdida do olhar da mãe, embora inteira na imagem, através do seu corpo como todo, sem fissura, projetado no espelho. Nesse momento, ela passaria por uma identificação ao objeto perdido (mãe) que ela vê como plena e completa do olhar do Outro (mãe fálica). Representando-se na pessoa da mãe, como completa, e identificando-se na imagem especular a menina se sentiria completa imaginariamente (ela e a sua imagem), podendo se separar simbolicamente da mãe. Seria como completa, que ela passaria a brincar frente ao espelho, com a sua imagem projetada. E, através dos jogos de: "se ver", "ser vista" e "se dar a ver", ela acabaria chamando a atenção do olhar do pai, que então seria descoberto como alguém que poderia olhá-la, tomando-o, então, como objeto de amor.

Como vimos na primeira parte do nosso trabalho, entre outras características, Freud se refere ao narcisismo feminino, como uma forma da mulher compensar a ferida narcísica decorrente da descoberta da ausência de pênis em seu corpo. E nos questionamos:

- Qual o sentido que deveria ser dado ao narcisismo dentro do desenvolvimento sexual da mulher?

- Poderia ser a fixação narcísica considerada como

uma etapa no desenvolvimento psicosssexual feminino?

- Deveria ser o narcisismo considerado como uma forma da mulher esconder e compensar a ferida narcísica?

Podemos dizer que Lemoine concorda com Freud ao colocar o narcisismo como uma característica e também como uma etapa no desenvolvimento psicosssexual da mulher.

No entanto, vimos que Freud aborda o narcisismo feminino, como uma defesa da mulher, como uma forma de compensar a ferida narcísica, os sentimentos de humilhação e inferioridade decorrentes da descoberta da ausência de pênis em seu corpo. Em relação a esse aspecto, verificamos que Lemoine, possui uma abordagem distinta da freudiana, na medida em que a autora enfoca o narcisismo como uma característica estrutural da personalidade da mulher e de sua sexualidade, o que ela descreve através dos fenômenos de Partição (Imaginária e Simbólica).

Verificamos que Lemoine, através da introdução do fenômeno de Partição Simbólica, relata ocorrer uma regressão da menina ao imaginário, a uma etapa narcísica do desenvolvimento, na qual ela se identificaria com a sua própria imagem projetada. E, por esse processo, que funciona como um "compromisso", ela poderia se separar simbolicamente da mãe. A autora esclarece, que essa "defesa narcísica" da menina de retorno ao espelho, seria antes de tudo uma maneira dela defender-se do medo de sofrer uma nova Partição Imaginária, pois, para essa autora, como já dissemos, a mulher viveria, antes de tudo, sob a ameaça, em sua estrutura, da perda da metade de

si mesma. Isto é: mais do que angústia de castração, ela viveria a angústia de partição. Para Lemoine, nesse momento em que a mulher vive a Partição Simbólica, ela se utiliza do narcisismo, como uma defesa aos fenômenos de Partição Imaginária e não como uma maneira de compensar a "ferida narcísica", entendida por Freud, como o sofrimento derivado da ausência do pênis em seu corpo.

Será através da Partição Simbólica e do retorno à experiência especular que a menina poderá abrir-se ao plano simbólico, efetivando a troca objetal. Passa de uma relação dual a uma relação triangular, ao tomar o pai como objeto de amor, dando, então, entrada na fase positiva do Complexo de Édipo. Verificamos que Lemoine concorda com Freud, ao dizer que nesse momento ocorre a troca dos impulsos ativos pela busca dos fins passivos (o que é descrito pela autora através dos jogos especulares),\* momento em que a menina descobre o pai, como alguém que poderá olhá-la, tomando-o como objeto de amor.

Como já dissemos, para Freud, a situação feminina logo se estabelece na troca do desejo do pênis pelo desejo do bebê, ocorrendo a troca dos impulsos ativos, e da masturbação do clitóris, pela busca dos fins passivos. E nos questionamos:

- O que especificamente a menina pede ao pai?
- Por que a menina faria do pai o seu objeto de amor, trocando o desejo do pênis pelo desejo do bebê?

---

(\*) Jogos especulares: vide capítulo 3.2.

Verificamos que Lemoine, de forma distinta de Freud, não centraliza a entrada da menina, na fase positiva do Complexo de Édipo, na troca do desejo do pênis pelo desejo do bebê, mas na descoberta da figura paterna como objeto de desejo. Essa autora relata que esse desejo só poderá ser descoberto pela menina, após a quebra da relação alienante com a mãe, e da alienação especular. Para Lemoine, a partir do momento em que a menina se separa simbolicamente da mãe, vivendo a relação triangular, é que será desencadeada, nela mesma, uma falta que a remeterá ao desejo. Desejo que será descoberto a partir da "regressão ao espelho", através da qual a menina passa a perceber o pai, como alguém que poderá olhá-la. Lemoine concorda com Freud ao dizer que ocorre a troca dos impulsos ativos pela busca dos fins passivos, pois a menina desejará ser o objeto do desejo do pai.

Porém, Lemoine relata que assumir a falta é uma tarefa difícil para a menina. Para evitá-la, ela poderá substituir o desejo do pênis pelo desejo do bebê, como uma forma de defender-se do vazio decorrente dos fenômenos de partição. Verificamos que a autora concorda com Freud na existência da equivalência simbólica: pênis - bebê, justamente por ambos estarem relacionados ao mesmo objeto simbólico: o falo. Mas Lemoine discorda de Freud quando esse autor coloca que a situação feminina se estabeleceria através do desejo do bebê. Pois, para Lemoine, através do desejo do bebê, tomado temporariamente, como o signo do falo, a menina estaria evitando a falta e todas as perdas decorrentes dos fenômenos de partição. Para Lemoine, o desejo do bebê ou a gravidez não seriam fenômenos

suficientes para caracterizar ou definir a entrada da mulher na forma feminina de sua sexualidade mas, representam uma defesa narcísica da mulher, à assunção da Castração Simbólica. Como vimos no capítulo 3.2, a situação feminina só se estabelece, verdadeiramente, para Lemoine, quando a mulher passa a assumir a falta em seu corpo (representada na vagina) aceitando a Castração Simbólica.

E nos questionamos:

- Por quanto tempo a menina ficaria ligada ao pai e ao Complexo de Édipo?

- Qual seria o fator determinante do término da sua relação com o pai?

- No sexo feminino, ocorreria a interdição contra o incesto?

Verificamos que, em relação ao declínio do Complexo de Édipo feminino, Freud construiu uma teoria ainda rudimentar, mostrando-se indecisa na definição de um motivo satisfatório, que fosse o propiciador da dissolução deste conflito no sexo feminino. Coloca que a menina, de forma oposta ao sexo masculino, poderia permanecer por mais tempo ligada a esse complexo e só tardiamente o superaria e, ainda assim, de forma incompleta. Ao mesmo tempo, o autor relata que o Complexo de Édipo seria lentamente liquidado no sexo feminino, mas seus efeitos poderiam persistir na vida normal da mulher. Em outras citações, o autor relata que o Complexo de Édipo na menina, poucas vezes, iria além da substituição do desejo do pênis pelo desejo do bebê, isto é, da situação feminina estabe-

lecida em relação ao pai. Acrescenta que, o Complexo de Édipo, seria, então, abandonado, porque este desejo não se cumpriria. Entre outras hipóteses, o autor também relata que no sexo feminino, faltaria o poderoso motivo de dissolução do Complexo de Édipo: a ameaça de castração. Isto é: a menina não poderia sentir-se ameaçada da perda de um órgão que ela não possui. Assim sendo, desapareceria, neste caso, um poderoso motivo da dissolução deste conflito na menina e da formação do seu superego.

Como vimos, apesar das colocações de Freud se mostrarem controvertidas, fica evidente que, segundo esse autor, existiria, em relação ao sexo feminino, uma série de dificuldades na superação do Complexo de Édipo. Isso implicaria, necessariamente, numa certa irregularidade na formação do superego feminino, que ficaria mais dependente das forças exteriores, educacionais, culturais, sociais, etc... As hipóteses levantadas por Freud sobre as possibilidades de dissolução do Complexo de Édipo feminino, encontram-se detalhadamente descritas por nós, no capítulo 2.3, e não as transcreveríamos novamente nesse momento. De uma forma geral, constatamos que o autor admite que a menina permaneceria por um tempo mais longo, ligada ao Complexo de Édipo, do que o menino.

Verificamos, então, que em relação ao sexo masculino, o problema da dissolução do conflito edipiano parece mostrar-se completamente elucidado, na medida em que, para Freud, o menino se desligaria do Complexo de Édipo, através da ameaça de castração e, como completa Lacan, através da assunção da

### Castração Simbólica.

No entanto, notamos que, em relação ao sexo feminino, Freud postula ser o complexo de castração, o motivo principal que levaria a menina a dar entrada no Complexo de Édipo, deixando o aspecto de sua resolução em aberto. Encontramos em Lacan, uma proposta mais precisa para a resolução do Complexo de Édipo, em ambos os sexos, que segundo esse autor, se daria através da vivência da Castração Simbólica. Com base em Lacan, verificamos que Lemoine aprofunda e tematiza o problema da Castração Simbólica, aplicado especialmente ao caso da mulher, em suas postulações teóricas sobre o Complexo de Édipo feminino.

A Castração Simbólica é tematizada por essa autora, como o sinal da resolução do Complexo de Édipo e como um fenômeno característico da sexualidade adulta da mulher.

- Como podemos definir a posição de Lemoine sobre a dissolução do Complexo de Édipo na mulher?

Lemoine relata que o papel dos pais é extremamente importante para a dissolução do Complexo de Édipo feminino. Para essa autora, ambos deverão se colocar como seres desejantes e pais castrados e não como Pai e Mãe onipotentes e narcísicos, vendo na filha o seu reflexo. Verificamos que, para Lemoine, além da mãe, o pai desempenha um papel fundamental na quebra da relação dual (menina-mãe), na função de interruptor desta relação, por se colocar como o outro da mãe, o terceiro elemento da relação edipiana. Ele se coloca como um elemento de ruptura da relação dual (mãe-filha) e também como

o agente da dissolução do Complexo de Édipo na menina (ruptura da relação: pai-filha). A autora retoma a idéia de que o pai é o elemento portador da lei de interdição ao incesto (já postulada por Lacan) e que propiciará à menina o desligamento progressivo do Complexo de Édipo, estimulando-a à procura de novos objetos de amor. Desta forma, ela dá entrada na ordem sócio-cultural e simbólica.

Verificamos que Lemoine, assim como Freud, não respondeu especificamente ao problema da formação do superego feminino, pois este não foi o ponto central de suas preocupações e investigações teóricas, sobre o Complexo de Édipo feminino. Mas, como já dissemos, se Lemoine aceita o acesso da mulher à Castração Simbólica, significa que a mulher já teria resolvido o Complexo de Édipo, dando entrada na ordem cultural e simbólica. E isto implicaria necessariamente, em que a lei de interdição ao incesto tivesse sido aceita pela mulher, cuja internalização constituiria o núcleo do seu superego. Porém, constatamos que a autora não se deteve no estudo específico da formação do superego na mulher. Deixaremos este ponto em aberto, admitindo que tal questão possa vir a constituir o objeto de estudo de pesquisas posteriores.

Verificamos, entretanto, que Lemoine partindo de evidências clínicas, parece concordar com Freud, ao postular que a mulher só chegará a efetivar completamente a resolução do Complexo de Édipo, tardiamente, isto é, na idade adulta, através da assunção da Castração Simbólica.

E nos questionamos:

- Como a mulher se colocaria, quanto a sua sexualidade durante esse percurso até a resolução "definitiva" do Complexo de Édipo?

- A mulher deveria ser vista como o símbolo do recalque e da passividade? Ou a passividade e a fixação narcísica, poderiam ser consideradas como etapas em seu desenvolvimento psicosexual?

- Como a mulher chegaria a assumir a forma madura de sua sexualidade e a descobrir os seus desejos?

Como vimos, segundo as colocações de Freud e de Lemoine, o Complexo de Édipo feminino, só se resolveria de forma completa, tardiamente, na vida adulta da mulher. E segundo a abordagem destes autores, ficaria portanto implícito, que o percurso da mulher até a resolução deste conflito, seria mais longo e complicado do que para o sexo masculino. E, desta forma, nós podemos inferir que, durante este caminho, a mulher estaria provavelmente mais vulnerável ao recalque e à neurose, pois segundo as colocações de Lemoine, a mulher só poderá assumir a Castração Simbólica, resolvendo portanto o Complexo de Édipo, através do ato sexual. Isto é, no momento da penetração pelo pênis e da descoberta da vagina, que passará a ser representada como albergue do pênis e como a sede do desejo sexual.

Lemoine relata também, que pelo fato da mulher só chegar a assumir a Castração Simbólica na idade adulta, ela se utilizaria do fenômeno de Partição Simbólica, da identificação especular e do narcisismo, por um tempo mais prolongado,

como uma forma de evitar a possibilidade de vir a sofrer uma nova Partição Imaginária. Através do fenômeno da Partição Simbólica, a menina simbolizaria, pelo seu corpo como todo (identificado na imagem), a falta, as perdas que derivam dos fenômenos de partição (perda da mãe, perda do pai). Só, posteriormente ela viria a simbolizá-las na vagina, através do desejo sexual, vivendo, então, a Castração Simbólica. Nesse sentido, a autora coloca o narcisismo, como um comportamento feminino comum e que seria utilizado pela mulher até a assunção da Castração Simbólica.,

Para Lemoine, a mulher só se desligará completamente do Complexo de Édipo, quando ela passar a simbolizar na vagina (descoberta através da penetração pelo pênis no ato sexual), a falta, as perdas que derivam dos fenômenos de partição (perda dos pais). Nisto se traduz a Castração Simbólica feminina, que só será vivida, verdadeiramente, pela mulher, quando ela simbolizar a falta, em seu próprio corpo, isto é: na vagina, como sede do desejo sexual. Como explica Lemoine, através do ato sexual, a mulher vivenciará a retirada e a determinescência do pênis, como representantes do "outro imaginário" perdido através dos fenômenos de partição. A vagina passará então, a ser representada como o albergue do pênis, e como o símbolo de sua falta. Desta forma, a mulher poderá substituir as perdas decorrentes dos fenômenos de partição, pelo de

---

(\*) "Outro imaginário": termo utilizado por Lemoine, que se refere a tudo aquilo que fora perdido pela mulher através dos fenômenos de partição (perda da mãe, do pai, etc.) .

sejo sexual (genital), que é então, representado na vagina, assumido e expressado pela mulher, numa demanda.\* E assim, ela vivencia a Castração Simbólica, resolvendo portanto o Complexo de Édipo.

Para finalizar, gostaríamos de complementar que Lemoine ressalta, concordando com Freud, que a passividade, também, é uma característica fundamental da sexualidade feminina. Para essa autora, a mulher só viverá a Castração Simbólica, na medida em que ela possa assumir os fins passivos da sua sexualidade. Pois, a mulher só alcançará o gozo sexual, na medida em que ela possa descobrir que ela não goza apenas do pênis, mas do falo, que representa o desejo inconsciente do outro. Desejo necessário, para que o pênis possa estar em ereção. Desta forma, a mulher seria, antes de tudo, desejo do desejo do outro. Ela necessitaria do falo, como do outro, para que ela viesse a se descobrir como mulher, como diferente, vivendo assim a sua genitalidade e a sua sexualidade madura.

---

(\*) Demanda: desejo sexual expressado na linguagem.

## GLOSSÁRIO

Fase do Espelho:

"Segundo J. Lacan, fase da constituição do ser humano que se situa entre os seis e os dezoito primeiros meses; a criança, ainda num estado de impotência e de descoordenação motora, antecipa imaginariamente a apreensão e o domínio de sua unidade corporal. Esta unificação imaginária opera-se por identificação com a imagem do semelhante como forma total; ilustra-se e atualiza-se pela experiência concreta em que a criança apercebe a sua própria imagem num espelho.

A fase do espelho constituiria a matriz e o esboço do que há de ser o ego". (Laplanche, p. 236, 15)

Falo:

"O termo "falo", tal como vem utilizado por J. Lacan, não há como confundir-lo com o sexo real, biológico, com o que se denomina pênis".

"É um significante abstrato que, como todo símbolo, leva além de sua materialidade, mais além do que representa. Digamos já a partir de agora, citando a S. Leclair em "Les éléments en jeu dans une psychanalyse".

"É uma cópula, um laço de união - na evanescência de sua ereção -, o significante por excelência da identidade impossível". (Lemaire, p. 144, 13)

Falo (Phallus): "O atributo paterno, significante primeiro de toda a cadeia de significantes inconscientes e conscientes". (Fages, p. 137, 1)

Falo:

"Na antigüidade greco-latina representa a figura do órgão masculino".

"Em psicanálise o uso deste termo sublinha a função simbólica desempenhada pelo pênis, na dialética intra e inter-subjetiva, enquanto o termo pênis é sobretudo reservado para designar o órgão na sua realidade anatômica".

"Na França, Jacques Lacan tentou recentrar a teoria psicanalítica em torno da noção de falo como significante do desejo". (Laplanche, p. 225 e 227, 15)

Frustração - Privação - Castração:

"A frustração, diz Lacan em "A relação de objeto e as estruturas freudianas", é essencialmente o domínio da reivindicação, das exigências desenfreadas sem referência a uma possibilidade de satisfação qualquer, seu centro é um dano (um prejuízo) imaginário. A privação, ela, é alguma coisa de real: nós diremos que ela é uma falta real, um buraco no real ... Quanto a castração, sabe-se que desde Freud, ela foi mais abandonada que aprofundada. Ela só é concebível ligada a ordem da lei - lei presente na estrutura do Édipo e na proibição do incesto - e ao registro da sanção ... A castração só pode situar-se ao nível daquilo

que nós chamaremos de a dívida simbólica. Qual é pois o objeto que falta nesses três casos? Para a castração, aquilo que falta não é evidentemente um objeto real... O objeto da castração é imaginário: é o falo. Em compensação, objeto da frustração, por mais imaginário que ele seja, é efetivamente um objeto real: é - para restringirmo-nos à nossa categoria particular da falta do objeto - o pênis enquanto órgão. Finalmente, na privação, o objeto é simbólico: com efeito, em um sentido, o real é sempre pleno: um objeto falta ao seu lugar porque era lá que ele deveria estar". (Flipot, p. 8 e 118, 2)

Real:

"Conjunto ainda não ordenado (de nenhuma forma) de tudo aquilo que possa se oferecer a seleção do vivente, estando excluído de a isso vincular a origem de intrusão do significante". (Flipot, p. 5, 2)

Imaginário:

"O imaginário é um dos três registros essenciais (o real, o imaginário, o simbólico) do campo psicanalítico. Este registro é caracterizado pela primazia da relação à imagem do semelhante. A noção de imaginário compreende-se preliminarmente em referência a uma das primeiras elaborações teóricas de Lacan a respeito da fase do espelho. No trabalho que ele consagrou a esta fase, o autor colocava em evi-

dência a idéia de que o ego do pequeno ser humano, em virtude particularmente da prematuraçã**o** biol**ó**gica, se constitui a partir da imagem de seu semelhante (ego especular". (Flipot, p.5, 2)

Simbólico:

"O simbólico designa a ordem de fenômenos dos quais trata a psicanálise, enquanto estruturados como uma linguagem ... Este termo é utilizado por Lacan em duas vias diferentes e complementares:

- a) para designar uma estrutura da qual os elementos discretos funcionam como significantes ou de modo mais geral o registro ao qual pertencem tais estruturas (a ordem simbólica);
- b) para designar a lei que funda esta ordem: é assim que Lacan pelo termo de "pai simbólico" ou de "Nome de Pai", tem em vista uma instância que não é redutível às metamorfoses do pai real ou imaginário e que promulga a lei".

(Flipot, p. 5, 2)

Recalcamento ou Recalque:

" = D.: Verdrängung - F.: refoulement - En.: repression - Es.: represi**ó**n - I.: rimozione"

"No sentido próprio: operação pela qual o indivíduo procura repelir ou manter no inconsciente representações (pensamentos, imagens, recordações) ligadas a uma pulsão - sus-

ceptível de por si mesma proporcionar prazer - ameaçaria provocar desprazer relativamente a outras exigências". (Laplanche, p. 553, 15)

Repressão ou Supressão:

" = D.: Unterdrückung - F.: repression - En.: suppression - Es.: supresión - I.: repressione"

"A) Num sentido lato: operação psíquica tendente a fazer desaparecer da consciência um conteúdo desagradável ou inoportuno: idéia, afeto etc. Neste sentido o recalçamento seria uma modalidade especial de repressão".

"B) Num sentido mais restrito: designa certas operações do sentido A diferentes do recalçamento:

a) Ou pelo caráter consciente da operação e pelo fato do conteúdo se tornar simplesmente pré-consciente e não inconsciente;

b) Ou, no caso da repressão de um afeto, porque este não é transposto para o inconsciente mas inibido, ou mesmo eliminado". (Laplanche, p. 594, 15)

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- 1 - FAGES, Jean-Baptiste. Para Compreender Lacan. Rio de Janeiro: Ed. Rio, 1977.
- 2 - FLIPOT, Geneviève. "Le Complexe D'Oepide Feminin a travers L'histoire de la Psychanalyse", in Dissertation présentée pour le Doctorat en Psychologie. Université Catholique de Louvain, 1976.
- 3 - FREUD, Sigmund. "Una Teoria Sexual" (1905), in Obras Completas. Tomo I, Madrid: Ed. Nueva, 1968.
- 4 - \_\_\_\_\_. "Aportaciones a la Psicología de la Vida Erotica" (1910), in Obras Completas. Tomo I, Madrid: Ed. Nueva, 1968.
- 5 - \_\_\_\_\_. "Mas Alla del Principio del Placer" (1920), in Obras Completas. Tomo I, Madrid: Ed. Nueva, 1968.
- 6 - \_\_\_\_\_. "Psicología de las Massas" (1921), in Obras Completas. Tomo I, Madrid: Ed. Nueva, 1968.
- 7 - \_\_\_\_\_. "La Organizacion Genital Infantil" (1923), in Obras Completas. Tomo I, Madrid: Ed. Nueva, 1968.
- 8 - \_\_\_\_\_. "El "Yo" y El "Ello" (1923), in Obras Completas. Tomo II, Madrid: Ed. Nueva, 1968.
- 9 - \_\_\_\_\_. "El Final del Complejo de Edipo" (1924), in Obras Completas. Tomo II, Madrid: Ed. Nueva, 1968.
- 10 - \_\_\_\_\_. "Algunas Consecuencias Psíquicas de la Diferencia Sexual Anatómica" (1925), in Obras Completas. Tomo III, Madrid: Ed. Nueva, 1968.
- 11 - \_\_\_\_\_. "Sobre la Sexualidad Femenina" (1931), in Obras Completas. Tomo III, Madrid: Ed. Nueva, 1968.
- 12 - \_\_\_\_\_. "La Feminidad" (1932), in Nuevas Aportaciones al Psicoanálisis, in Obras Completas. Tomo II, Madrid: Ed. Nueva, 1968.
- 13 - LEMAIRE, Anika Rifflet. Lacan. Spain: Ed. Hasa, 1971.
- 14 - LEMOINE, Eugénie Luccioni. Partage des Femmes. Paris: Ed. Seuil, 1976.
- 15 - LAPLANCHE, J. e PONTALIS, J.B. Vocabulário de Psicanálise. Lisboa: Ed. Moraes, 1976.

## BIBLIOGRAFIA ADICIONAL

- 1 - CHASSEGUET SMIRGEL, J. A Sexualidade Feminina. Petrópolis: Ed. Vozes, 1975.
- 2 - HUBER WINFRID, Piron Herman et VERGOT, Antoine. La Psychanalyse Science de L'homme. Bruxelles: Ed. Charles Dessart, 1964.
- 3 - FREUD, Sigmund. "Aportaciones a la Interpretacion de los Sueños", 1913, in Obras Completas. Tomo III, Madrid: Ed. Nueva, 1968.
- 4 - FREUD, Sigmund. "Cartas a Wilhelm Fliess. Manuscritos y Notas de los años 1887 a 1902", in Obras Completas. Tomo III, Madrid: Ed. Nueva, 1968.
- 5 - LACAN, Jacques. "La Famille", in La Vie Mentale. Tomo VIII, Paris: Encyclopédie Française, 1938.
- 6 - LACAN, Jacques. Écrits. Paris: Seuil, 1966.
- 7 - SAFOUAN, Moustapha. A Sexualidade Feminina. Rio de Janeiro: Ed. Zahar, 1977.
- 8 - SAFOUAN, Moustapha. Études sur l'Oedipe. Paris: Ed. Seuil, 1974.

Nº 10

Dissertação apresentada ao Departamento de Psicologia da PUC/RJ, fazendo parte da Banca Examinadora os seguintes professores:

*Regina Helena Landim*

---

REGINA HELENA LANDIM  
(Orientadora)  
PUC/RJ - Deptº de Psicologia

*Circe Navarro Rivas*

---

CIRCE NAVARRO RIVAS  
PUC/RJ - Deptº de Psicologia

*Maria Aparecida Campos Mamede Neves*

---

MARIA APARECIDA CAMPOS MAMEDE NEVES  
PUC/RJ - Deptº de Educação

Visto e permitida a impressão  
Rio de Janeiro, 27/01/81

---

VERA MARIA FERRÃO CANDAU  
Coordenadora dos Programas de Pós-Graduação  
do Centro de Teologia e Ciências Humanas